



Instituto Universitário de Lisboa

Departamento de Sociologia

**Representações Sociais do Rugby na Grande
Lisboa**

João Manuel Rocha Cabrita

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Sociologia e Planeamento

Orientador:

**Professora Doutora Helena Carvalho, Professora Auxiliar,
ISCTE-IUL**

Co-orientador:

**Professora Doutora Salomé Marivoet, Professora Auxiliar,
Universidade de Coimbra**

Outubro, 2011

“O Rugby é um Ensaio para a Vida”

Federação Portuguesa de Rugby

Agradecimentos

A todos aqueles que de alguma forma colaboraram com o trabalho.

Em especial, à Professora Helena Carvalho e à Professora Salomé Marivoet.

Aos meus colegas de sempre.

E por último, mas não menos importante, àqueles que estão sempre presentes.

Este trabalho é vosso.

Muito Obrigado.

I. ÍNDICE

Agradecimentos.....	1
i. Índice de figuras	3
ii. Índice de Quadros.....	3
1. INTRODUÇÃO.....	5
2. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	6
2.1 A Hegemonia Masculina no Desporto	6
2.2 A Educação pelo Desporto	10
2.3 Rugby: Um Combate Singular.....	13
3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	16
3.1 O Rugby em Portugal	16
4. PROBLEMÁTICA EM ESTUDO E HIPÓTESES DE TRABALHO	17
5. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	21
6. ANÁLISE DE RESULTADOS	22
6.1 Perfil dos Atletas	22
6.2 Representações de Género no Rugby.....	23
6.3 Rugby: desporto de prestígio? As representações dos atletas	24
6.4 Influência do Rugby na identidade e nos valores dos atletas	28
7. CONCLUSÃO.....	33
Bibliografia	35
Anexos	38
I. Anexo A. Cânticos.....	38
II. Anexo B. Caracterização da Amostra/Perfil dos atletas	39
III. Anexo C. Questões de género	41
IV. Anexo D. Rugby: desporto de prestígio	42
V. Anexo E. Análise de Componentes Principais (Razões)	42
VI. Anexo F. Rugby contribui para a identidade dos atletas	44
VII. Anexo G. Análise de Componentes Principais (Valores).....	44
VIII. Anexo H. Inquérito por Questionário	46

i. Índice de figuras

Figura 4.1 Modelo de Análise	20
Figura 6.3.1 Importância das razões na escolha do Rugby	25
Figura 6.3.2 Importância das razões para a prática de Rugby segundo o sexo	26
Figura 6.3.3 Importância das razões para prática de Rugby segundo a idade	27
Figura 6.3.4 Importância das razões para a prática de rugby segundo as habilitações	27
Figura 6.4.1 Influência do Rugby nos valores dos atletas.....	29
Figura 6.4.2 Influência do Rugby nos valores segundo o sexo	31
Figura 6.4.3 Influência do Rugby nos valores segundo a idade	32
Figura 6.4.4 Influência do Rugby nos valores segundo as habilitações	32

ii. Índice de Quadros

Quadro 4.1 Hipóteses de Trabalho	18
Quadro 5.1 Demografia Federada 2009/2010.....	21
Quadro 5.2 Demografia Federada 2009/2010 (Amostra).....	21
Quadro 6.3.1 Diferentes tipos de Razões.....	26
Quadro 6.3.2 Caracterização dos factores responsáveis pela escolha do rugby	28
Quadro 6.4.1 Valores sociais: dimensões analíticas	30

RESUMO

As actividades desportivas têm acompanhado a evolução das sociedades, assumindo nestas um papel relevante ao longo dos tempos.

A presente dissertação inscreve-se na área da Sociologia do desporto. O trabalho pretende analisar as representações sociais do Rugby na Grande Lisboa e tem como objectivo compreender o campo de práticas da modalidade. A zona de Lisboa, devido à presença acentuada da modalidade, estabelece características excepcionais para a abordagem à problemática.

A investigação aborda quatro aspectos chave para o tema em questão: o perfil social dos atletas; as questões de género na modalidade; as razões dos atletas para a prática do rugby e o impacto deste na identidade dos atletas. Com a análise destes quatro elementos, pretende-se uma aproximação científica à modalidade, no sentido de traçar um quadro próximo do seu contexto social. O interesse científico do trabalho pelo rugby deve-se, essencialmente, às suas características singulares e à sua reduzida popularidade na sociedade.

Palavras-chave: *Perfil Social, Género, Prestígio, Identidade, representações sociais do rugby*

ABSTRACT

Sporting activities have accompanied the evolution of societies and over the centuries have assumed a key role.

This thesis comes within the area of the Sociology of sport. It aims to analyze the social representations of rugby in Greater Lisbon and to shed light on the different practices of this sport. The Lisbon region stands out for its large number of rugby players and therefore has the ideal characteristics for such a study.

The research addresses four key aspects: the social profile of the athletes; the gender question; the reasons for athletes playing rugby, and its impact on the athletes' identity. The analysis of these four questions seeks to further scientific knowledge about the sport by depicting a framework indicative of its social context. The scientific interest of this study of rugby is due predominantly to its unique characteristics and its limited popularity in society.

Keywords: *Social profile, gender, prestige, identity, social representations of rugby*

1. INTRODUÇÃO

O mundo do desporto foi sempre um espaço que acompanhou a evolução da sociedade. As competições de jogos na antiga Grécia já possuíam características daquilo que hoje se considera desporto. Os primeiros registos de atletismo constam que foram os jogos olímpicos gregos (800 a.C.), no entanto, na Idade Média, em festivais religiosos já se praticavam rudes jogos da bola entre cidades. O advento da revolução industrial em meados do século XVIII e a introdução de desportos na escola foram os principais responsáveis pelo desenvolvimento alargado do fenómeno desportivo em Inglaterra. Ao longo do século XX, o fenómeno desportivo, sofreu diversas transformações, sendo das mais importantes a maior presença de mulheres, mas também a profissionalização e a intensificação da comercialização do espectáculo desportivo, e a inserção do desporto nos modos de vida.

No entanto, o desporto nunca usufruiu de especial enfoque pelos cientistas sociais, apesar da sua expansão e transfiguração nas sociedades até aos nossos dias. Por isso, a presente investigação constitui um enorme desafio e uma mais-valia para o conhecimento científico da sociologia.

Este trabalho tem como objectivo a aproximação ao quadro social do Rugby na Grande Lisboa. A modalidade é um objecto de estudo empírico que desperta enorme interesse, devido às suas características singulares.

A investigação desenrola-se sobre quatro aspectos chave relevantes para o conhecimento mais abrangente da modalidade.

Numa primeira fase da investigação pretendeu comprovar a pertença dos atletas a grupos sociais de maiores recursos com elevados níveis de status social.

Em seguida, foram abordadas as questões de género. As representações que os atletas têm sobre as questões de género na modalidade assumem um papel relevante, uma vez que é importante compreender as desigualdades de género presentes no Rugby.

Após as questões de género, debruçámo-nos sobre os motivos que conduzem os atletas à modalidade. O Rugby apresenta uma reduzida expressão a nível nacional, com maior representatividade em zonas urbanas. Neste sentido, tentou-se perceber as razões que levam os atletas a escolher o Rugby como actividade desportiva principal.

Por último, pretendeu-se abordar o carácter educativo das actividades desportivas nos cidadãos, mais concretamente do Rugby. Os valores são parte integrante do conteúdo pedagógico de qualquer actividade desportiva. Neste sentido, e para traçar um quadro mais completo da modalidade quisemos verificar a importância do Rugby na formação de identidade dos atletas.

As representações de ambos os sexos assumem grande importância na investigação, devido à problemática em análise. Porém, as razões e os valores relacionados com o rugby foram analisados em função de variáveis sócio-demográficas (sexo, idade e habilitações).

Com a delimitação do objecto de estudo, considerou-se que a metodologia de carácter quantitativo seria a melhor estratégia para aferir aos pressupostos construídos. Neste sentido, foram aplicados inquéritos por questionário em diversos clubes de Rugby da Grande Lisboa.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Hegemonia Masculina no Desporto

Apesar de muitos cientistas sociais considerarem problemáticas como a pobreza, a fome, o desemprego e os conflitos raciais de maior importância, as questões relacionadas com os sexos, constituem uma das temáticas mais importantes da nossa época (Dunning, 1992).

A presença de Mulheres em diversos espaços do quotidiano social tem tido um percurso demorado e conturbado até aos nossos dias. O desporto foi um dos espaços sociais em que se reflectiram esses obstáculos. As mulheres encontraram enormes dificuldades na sua participação de forma igualitária com a população masculina.

A actividade desportiva, como demonstrou Anick DAVISSE e LEAUVOU (1998), constitui uma prática social na qual se constroem hábitos sociais de *corpos sexualmente diferenciados*. Não sendo apenas nesta prática social, a actividade desportiva demonstra-se como um espaço em que os comportamentos (sociais/culturais) esperados assumem relevância. Desta forma, o que as mulheres podem ou não fazer, através do que se diz ou mostra, contribui para acentuar normas de acordo com a aparência corporal, acentuando a diferenciação entre masculinidade e feminilidade (Ap. LEAUVOU, 2001).

Também Marilou BRUCHON-SCHWEITZER num trabalho sobre a imagem dos corpos sublinha a discriminação entre os sexos, através das propriedades energéticas dos corpos, sendo o corpo masculino detentor de resistência, audácia e saúde e o corpo feminino constituído por fragilidade, fraqueza e pouca saúde (Ap. DAVISSE e LOUVEAU, 1998). Quando alguém pratica determinada actividade na qual demonstra menor capacidade, seja homem ou mulher, é-lhe adjectivada a sua performance: «*pareces uma menina*» (Coakley, 1998; Sharpe, 1994; Ap. MAGUIRE, 2002). Estas interjeições contribuem para assinalar e reforçar a noção de que os homens são naturalmente superiores que as mulheres, tendo em conta a sua superioridade física (Maguire, 2002).

O desporto exige “verdadeiras” mulheres e “verdadeiros” homens, mulheres naturalmente “femininas” e homens “viris”. No desporto, o corpo está inevitavelmente associado, uma vez que é determinante na identidade dos indivíduos. A representação da modelação dos corpos, assume um quadro imaginário do outro, corroborando através das diferenças mais evidentes, não só os seus aspectos mais distintos mas também a capacidade que têm de se atraírem mutuamente. Elas desejam-se, idealmente, “belas para os seduzir” e os homens pretendem-se “viris”, fortes e corajosos para as conquistarem (Louveau, 2001).

A prática desportiva apresenta uma relação estreita com o corpo, na medida em que este se molda de acordo com as especificidades da modalidade. Pode expressar-se de variadas formas e com objectivos diferenciados. São corpos de idades diferenciadas, de diversas etnias, portadores ou não de deficiência, são corpos sexuados. São corpos configurados com múltiplas características, aqueles que praticam desporto (Silva, Paula et. al, 2006).

Neste âmbito, também Simone de Beauvoir (1967) na sua reconhecida obra *O Segundo Sexo*, referiu esta questão, ao insurgir-se sobre as diferenças entre os sexos, resultantes da construção social produzida pela cultura masculina dominante.

Como Pierre Bourdieu (1999) afirmou em *A Dominação Masculina*, acerca da construção social dos corpos:

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexuentes. Este programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo, e em primeiro lugar ao próprio corpo, na sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos em conformidade com os princípios de uma visão mítica do mundo enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela própria inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social. A diferença biológica entre os sexos, quer dizer entre os corpos masculino e feminino e, muito em particular, a diferença anatómica entre os órgãos sexuais, pode assim surgir como a justificação natural da diferença socialmente construída entre os géneros, e em particular da divisão sexual do trabalho.

[Bourdieu, 1999:9]

Todo o universo social está impregnado de uma vasta máquina simbólica que corrobora a dominação masculina. Este reconhecimento universal incute de forma objectiva nas estruturas sociais uma divisão sexual do trabalho produtivo, de reprodução biológica e social a favor da ordem masculina. O capital simbólico tem a capacidade de fazer acreditar, transformar o mundo sobre os nossos olhos e conseqüentemente respectivos comportamentos, sem que seja necessária a força física ou económica, tornando a realidade como algo óbvio (Bourdieu, 1999, 1994).

Assim, o Universo Desportivo fora considerado quase exclusivo como um «affaire d'hommes», sendo a História marcada pelos traços dos corpos e das mentalidades, bem como pelas representações colectivas. Neste espaço social como em outros da vida pública, os homens surgem como actores privilegiados (Louveau, 1998).

As práticas desportivas, de uma forma geral, têm vindo a perpetuar de forma hegemónica o ideal de masculinidade, em que a superioridade intelectual, a capacidade de luta e força como símbolos de virilidade se traduzem em poder nas relações sociais, enquanto o ideal de feminilidade restringia-se à graciosidade, fragilidade e elegância do corpo feminino. Os esquemas de socialização têm conduzido as mulheres aos trabalhos domésticos e aos papéis sociais que limitam os seus horizontes, tanto no campo profissional como no campo do lazer (Marivoet, 1998; Dunning, 1992; Maguire, 2002).

Neste sentido, a marginalização das mulheres e o domínio dos homens no desporto tem sido vistos como a ordem natural das coisas, relegando-as para um plano de completa dependência do homem, considerado o ganha-pão da família, e restringindo-as particularmente à capacidade reprodutiva (Hargreaves, 1994; *Ap. Maguire, 2002*).

Os valores «macho» pertencentes aos homens, possuem um papel importante de identidade masculina nas práticas sociais, nas quais o confronto é continuado e o equilíbrio de poder joga a favor dos homens. Este monopólio permite-lhes o controlo praticamente completo das principais instituições que determinam as hipóteses de sucesso ao longo da vida (Dunning, 1992).

Boutilier e SanGiovanni em “The Sporting Woman” consideram três razões pelas quais os homens resistem à entrada das mulheres no desporto. A primeira razão deve-se ao desejo de manter o desporto como agente de socialização que os prepara para os seus papéis no local de trabalho e na vida política; para manter a hierarquia entre a diferenciação dos papéis e para preservar o domínio exclusivamente masculino neste campo (*Ap. Theberge, 1994*).

Desta forma, as actividades desportivas têm sido organizadas como meio de preservação da ordem masculina, nas quais a maioria das oportunidades e das recompensas pertencem aos homens, em detrimento das mulheres. As atitudes e as práticas homofóbicas contribuem para que a estrutura do desporto se mantenha como bastião de poder, privilégio e prestígio dos homens (Theberge, 2002; Birrel, 2002; Messner e Sabo, 1990 *Ap. Maguire, 2002*).

Este carácter patriarcal¹ do desporto e o seu papel na conservação da hegemonia masculina, tem sido questionado apenas por alguns grupos de escritoras feministas (Dunning, 1992).

As abordagens feministas são constituídas por três correntes principais, o feminismo liberal, feminismo radical ou cultural e o feminismo crítico de acordo com a perspectiva estruturalista ou marxista, socialista, ou pós-estruturalista (e.g Hargreaves 1994; Birrel & Cole 1994; Birrel 2000 *Ap. Marivoet, 2002a*). Nestas abordagens, o feminismo liberal considera os homens e as mulheres semelhantes, embora a sociedade lhes proporcione oportunidades e experiências díspares (Boutilier & SanGiovanni 1994 *Ap. Marivoet, 2002a*). As feministas radicais partem do princípio que homens e mulheres são diferentes e que esta desigualdade entre sexos deve-se à cultura masculina dominante. Assim, é necessária uma nova sociedade, que contemple uma visão feminina (Theberge 1994; Birrel et Richter 1994; *Ap. Marivoet, 2002a*). Por último as feministas críticas consideram que a participação das mulheres nas actividades desportivas revela resistência das mesmas à dominação masculina implantada (e.g. Thompson 1994; *Ap. Marivoet, 2002a*)

Porém, Anthony Giddens (2004) também abordou três correntes feministas preocupadas com a desigualdade sentida pelas mulheres na sociedade, sendo o feminismo liberal, o feminismo radical e o feminismo negro. As primeiras procuram explicações nos comportamentos sociais e culturais, as

¹ De acordo com Giddens (2004:699) “Patriarcado consiste no domínio das mulheres pelos homens. Todas as sociedades conhecidas são patriarcais, embora haja variações no grau e na natureza do poder exercido pelos homens, em comparação com as mulheres. Um dos objectivos primeiros dos movimentos das mulheres nas sociedades modernas é combater as instituições patriarcais”.

feministas radicais acreditam que parte dos homens a subordinação que afecta as mulheres, e por último o feminismo negro que se cingiu aos problemas que afectam as mulheres negras.

As diferenças biológicas entre homens e mulheres podem conduzir a performances desiguais, no entanto, não explicam as evoluções divergentes nas escolhas e atitudes sobre as práticas desportivas (Daviisse e Louveau, 1998). Guttman (1991) e Hargreaves (1994) consideram que existem algumas diferenças físicas e psicológicas entre homens e mulheres que permitem aos homens melhores desempenhos em alguns desportos (*Ap. Neves, 2005*). Contudo, o problema está relacionado com os constructos sociais - masculinidade e feminilidade - que atribuem características à mulher (fragilidade, delicadeza, menor coragem, menor competitividade...) e ao homem (competitivo, força, coragem...) considerando-as inatas, fazendo parte da sua natureza biológica.

Quando falamos de género no desporto, está sempre subjacente o corpo, na medida em que o desporto desenvolve-se através deste e o género é corpóreo. (Silva, Paula et. al. 2006) O corpo não é simplesmente a manifestação de um ser sexuado, contribui para moldar a identidade de género e é ajustado às noções de feminilidade e masculinidade dominantes (Kirk, 1993 *Ap. Silva et. al. 2006*).

Segundo Hargreaves (1994), estes atributos característicos da masculinidade e feminilidade, podem ser explicadas pelo processo de socialização a que todo o ser humano está confrontado desde o nascimento e que resulta em diferenças culturais e sociais entre os dois sexos. (Bryson, 1994; Hargreaves, 1994; Davisse e Louveau, 1998 *Ap. Neves, 2005*).

Esta não é uma questão de sexo, mas concretamente de género. O género está relacionado com o comportamento que se espera de cada sexo: parte-se do princípio que as mulheres possuem um conjunto de características comuns (Lenskij, 1998; *Ap. Neves, 2005*). De acordo com Giddens (2004), o género está socialmente desenvolvido, atribuindo papéis sociais e identidades aos homens e às mulheres. Este conceito constitui factor de estruturação dos tipos de oportunidades e de hipóteses de vida, influenciando os papéis que os indivíduos venham a desenvolver nas instituições sociais.

Os conceitos (masculinidade e feminilidade) que atribuem o papel da mulher na sociedade, limitam a sua participação nas actividades desportivas. As diferenças biológicas entre mulheres e homens não são responsáveis pela maior presença dos homens no desporto, mas as características que a sociedade produz e dessa forma as estigmatiza (Neves, 2005).

De uma forma geral, as mulheres identificavam-se mais com desportos não violentos, na medida em que a sociedade lhe atribuía papéis femininos. Contudo, verifica-se uma evolução nesse sentido, surgindo um número maior de mulheres a praticar desportos exclusivos do sexo masculino (Thomas, 1968).

O desenvolvimento da sociedade industrial conduziu ao aumento dos níveis de praticantes desportivos sem distinções do sexo. A valorização atribuída aos tempos livres, as novas necessidades sociais como o culto do corpo, a preocupação com a saúde física e psíquica, a quebra com a rotina, a busca da excitação, de prazer e aventura, proporcionados pelos novos estilos de vida constituíram factores preponderantes na adesão à prática desportiva (Ferrando, 1990; Marivoet, 1998).

Tal como em diversos espaços da sociedade, também no desporto, as mulheres têm conseguido criar condições para que a actividade desportiva seja cada vez mais equilibrada entre os sexos (Marivoet, 1998). No entanto, nos dias de hoje, ainda são poucas as mulheres que optam pelos desportos de cariz masculino (Rugby, Ciclismo, Alpinismo...), visto que estas actividades desportivas continuam a ser incompatíveis com as representações que os homens e mulheres construíram, daquilo que é mais ou menos próprio para uma mulher. O envolvimento das mulheres com desportos essencialmente associados ao género masculino reforça a fronteira do estranho e do proibido entre o género feminino e masculino (Louveau, 2001).

A diversidade dos espaços na sociedade em que se constroem relações sociais (escolas, actividades culturais, locais de trabalho...) entre os sexos são espaços em que as desigualdades se revelam e perpetuam, desta forma é necessário torná-las claras e inteligíveis (Louveau, 2001). O desporto tornou-se numa instituição poderosa na qual a hegemonia masculina é produzida e reproduzida, e só o confronto e a compreensão deste fenómeno contribui para combater o fosso de desigualdade entre as mulheres e os homens (Bryson, 1994).

2.2 A Educação pelo Desporto

A interacção social em diversificados contextos sociais contribui para o desenvolvimento da estrutura do indivíduo enquanto ser social. O espaço social desportivo, bem como outros, surgem com importância evidente na construção social dos indivíduos.

A expansão de forma abrangente da prática desportiva nas escolas, num momento de interiorização como é o tempo do crescimento e da formação educativa, revela a importância que lhe foi atribuída nas sociedades. Apesar disso, o interesse revelado pelos sociólogos no fenómeno desportivo, continua muito discriminado em relação a outros espaços sociais (Esteves, 1999; Marivoet, 1998).

Neste contexto é importante salientar as suas funções, uma vez que ao desporto como a outras instituições, estão associadas diversas funções cumpridas no quotidiano social.

As teorias de ordem funcional, no campo do desporto, pertenceram na sua maioria aos sociólogos americanos, no entanto, também diversos autores franceses especialistas na matéria, abordaram esta questão. O funcionalismo assenta sobre mecanismos que permitem o funcionamento da sociedade, considerando-a como um organismo (Thomas, 1996). De acordo com Malinowski, as instituições através de uma ou mais funções que lhe são inerentes, são organizadas com o intuito de satisfazer as suas necessidades ou apenas uma necessidade principal (Ap. Bouet, 1968).

Diversos autores abordaram a pluralidade de funções pertencentes ao fenómeno desportivo. M. Dufrenne acerca deste assunto considera dois tipos de funções, as manifestas (necessidade de exercício, desenvolvimento de valores morais, melhorar o potencial militar, exaltação do chauvinismo, aproximação de determinadas classes sociais), e as funções latentes (meio de publicidade rentável, dedicação dos trabalhadores ao trabalho, criar satisfações compensatórias). Dumazedier aborda

também a temática do funcionalismo no desporto, constituindo-o pelas seguintes funções: a função de desporto como profissão, a sua função educativa, a função de lazer e ainda considera a função de ajustamento e compensação. Também Cloucard, atribui as seguintes funções sociais ao desporto: as funções educativas, profissionais, função «espectáculo», de distração e função industrial. Porém, Lüschen considera apenas três funções: a biológica, educativa e social (Ap. Bouet, 1968). Segundo este autor, o desporto contribui para manter a ordem social, para incutir nas sociedades diversos valores e permite também a mobilidade social (Thomas, 1996). Defrance et Pociello conferem as funções: educativa, integrativa, lúdica e a comunicacional (Ap. Thomas, 1996).

Por sua vez, Christopher Stevenson e John Nixon (1972) identificam cinco funções básicas do desporto. São estas a *função sócio-emocional* que contribui para manter a estabilidade psíquica e social; a *função de socialização* que visa a reprodução de valores culturais; a *integração* que pretende inserir harmoniosamente indivíduos e grupos; a *função política* que permite a transferência de ideologias e a *função de mobilidade social* que proporciona a alguns a subida na hierarquia social (Ap. Loy e Booth, 2002). As funções designadas por Stevenson e Nixon, são as que de uma forma geral, os sociólogos americanos estabeleceram na problemática do fenómeno desportivo.

Ainda acerca desta temática, Jean-Marie Brohm designa que as funções da actividade desportiva, são controversas e despertam bastante interesse, na medida em que se evidenciam contraditórias, complexas e progressivamente mutáveis (Ap. Thomas, 1996).

Como se verifica nas acepções acima referidas, não existe consenso acerca das funções atribuídas ao fenómeno desportivo. É bastante perceptível a multiplicidade de funções, atribuídas à actividade desportiva, corroborando a importância que lhe está associada no quotidiano social.

No entanto, como está perceptível em vários autores, o papel de socialização através da actividade desportiva, nos mais variados aspectos, assume uma importância notória. A educação física e o desporto desempenham um papel essencial no processo de socialização do Homem, visto que as actividades desportivas, através dos seus agentes e do seu alcance pedagógico, estão associadas ao desenvolvimento social dos indivíduos, tornando-os melhores cidadãos (Amado, 1991; Teotónio Lima, 2004).

Segundo Ewing & Seefeldt (2002) o desporto assume um poderoso instrumento de formação de carácter, através da interiorização de competências morais e sociais positivas (Ap. Gonçalves, 2006).

A actividade desportiva implica a aprendizagem de papéis, por isso, muitas vezes, é considerada como contributo para a socialização. Os resultados obtidos pela socialização através do desporto, caracterizam-se pelo desenvolvimento de competências, formas de comportamento e atitudes e aprendizagem a interagir no quotidiano social. O processo de socialização decorre através da observação, imitação e interacção com indivíduos, em contextos diferenciados, nos quais se adquire características afectivas, cognitivas e comportamentais assentes nos papéis sociais (McPherson, 1981).

Os jogos e as práticas desportivas proporcionam o envolvimento de atitudes, valores, normas, regras e competências sociais com significativa importância no quotidiano social (Ritchie e Koller, 1964; Bailey, 1977; Lindesmith e Strauss, 1964; Helanko, 1960; Webb, 1969; Larson et al, 1975 *Ap. McPherson, 1981*). É por isso, que a prática desportiva nos jovens é incentivada, uma vez que as suas capacidades formativas (carácter e disciplina) contribuem para a sua preparação para a vida (Gonçalves, 2006). O início da prática desportiva de determinada modalidade nas crianças, obriga-as a aceitar regras, a conviver com autoridade, a introduzir formas de conduta (transferência cultural), a aplicar normas e valores (espírito desportivo) e a conviver com a tensão (Hilvoorde, 2005).

Enquanto prática educativa, o fenómeno desportivo, apesar de não ser a sua principal finalidade, assume um papel de destaque no quotidiano social. A educação pelo desporto, além de incutir habilidades e conhecimentos, também estimula a capacidade de reflexão dos indivíduos sobre o que apreendem na prática desportiva (*Ap. Hilvoorde, 2005*).

De acordo com Levy (1952), o desporto competitivo constitui um dos elementos educacionais mais importantes na sociedade, contribuindo para a socialização, a integração e para o reforço da estrutura social (*Ap. Mcpherson, 1981*).

Por sua vez, Shields e Bredemeier (2002) consideram que o desenvolvimento de carácter através da participação em actividades desportivas depende de diversos factores (estrutura da modalidade, metodologia de treino, apoio de familiares ...). A estrutura de cada modalidade desportiva não possui conteúdo moral intrínseco, variando em função das características (individual / colectivo, nível de contacto) e da organização e conteúdo dos treinos (*Ap. Gonçalves, 2006*).

Segundo Hilvoorde (2005), as diferentes funções atribuídas à prática desportiva, bem como as influências na formação de carácter, estão inteiramente relacionados com o clima social e educativo, presentes no espaço físico em que se desenrola e não apenas na prática da modalidade em si. Nenhuma modalidade pode estar separada do contexto sociocultural, no que respeita à construção de carácter do indivíduo desportista.

Segundo Marivoet (1996;1998), o envolvimento dos indivíduos em determinadas práticas desportivas competitivas, fica a dever-se aos espaços sociais em que os indivíduos se inserem, bem como aos valores socioculturais que lhe pertencem. Para esta autora, a educação pelo desporto ou a sua dimensão formativa, insere-se na reprodução dos valores e princípios éticos do desporto, ainda que atravessados por mudança (Marivoet, 2007). Na ética do desporto, destaca os princípios de fair play (cooperação, respeito pelos outros e pelas regras, lealdade, amizade), o sentido de justiça que no desporto assume as expressões de jogo limpo ou à verdade desportiva, e ainda a liberdade associativa.

Consideramos que o desporto assume na sociedade uma pluralidade de funções, contudo, a função educativa, na qual a transmissão de valores está vigente, representa importância clara no desenvolvimento da sociedade. No entanto, o contexto social em que as modalidades se desenrolam ocupa um papel bastante relevante no conteúdo formativo que transmite aos seus atletas.

2.3 Rugby: Um Combate Singular

O mundo do desporto sempre foi um espaço que acompanhou a evolução da sociedade desejado pelas classes aristocratas: primeiro a nobreza, depois a burguesia tradicional, a seguir a burguesia industrial e por fim o mundo da finança. O desporto resumia-se a uma distração ostentosa, essencialmente distintiva, reservado particularmente às classes mais altas da sociedade. Eram estas camadas da população que poderiam aplicar o seu tempo a não fazer nada, ou seja, à prática desportiva (Legros, 2005).

Os desportos de confronto como o futebol, o hóquei ou o rãguebi, remontam aos jogos populares medievais do antigo regime, variando em função das diversas regiões. O Rugby, em particular, possui especificidades que o demarcam de outras actividades desportivas, pelas características ímpares que lhes são inerentes.

Esta modalidade teve criação na escola, Colégio de Rugby, pelo professor Thomas Arnold em 1830, pioneiro na introdução dos desportos nos colégios ou escolas públicas inglesas (Marivoet, 2007). O confronto regulamentado em dois campos, proporcionava ao professor, a introdução de regras de civildade através do jogo, destacando o carácter educativo da modalidade (Legros, 2005).

Em 1850, o Rugby tornou-se num jogo para adultos, praticado exclusivamente por indivíduos oriundos de camadas sociais mais elevadas. O desenvolvimento da modalidade pelos homens, pretendia evitar a ameaça da emancipação feminina que se fazia sentir nestes estratos sociais. Assim, tornou-se uma área exclusivamente masculina e de perpetuação de normas tradicionais, no qual as suas funções principais seriam o reforço do estatuto dos homens e da masculinidade, e ao mesmo tempo denegrir a imagem feminina (Dunning, 1992).

De acordo com Pierre Bourdieu (1999), a cultura tradicional masculina impunha aos homens virilidade, que se traduzisse na aptidão para o combate e exercício de violência, demonstrando a sua capacidade reprodutiva, sexual e social. Diversos autores se debruçaram sobre o Rugby, atribuindo-lhe mecanismos de afirmação e identidade, como espaço exclusivo dos homens (Dunning & Sheart 1979; Dunning 1994; Wheatley 1994, *Ap.* Marivoet, 2005).

O Rugby passou a estar identificado com o ideal de masculinidade e todas as características que lhe estavam associadas, como a competitividade, a coragem, a força e o trabalho em equipa. Neste sentido, a sociedade foi educada para considerar a modalidade como representação distinta daquilo que se espera de uma mulher. (Light e Kirk, 2000; Devisse e Louveau, 1998; *Ap.* Neves, 2005)

Desta forma, pode-se considerar a modalidade como o epicentro da hegemonia masculina, devido à sua extrema virilidade, uma vez que privilegia o potencial físico através de choques e confrontos violentos corpo a corpo. No Rugby, em particular, a bola surgiu apenas como acessório, sendo de realçar a força e a coragem presente nas *mêlées* como sinal de virilidade de resistência ao adversário. O homem ideal era forte e bravo e a mulher vista pelo homem como um ser dependente e fraco (Dunning, 1992).

Os treinos de Rugby eram construídos sob um discurso de dominação física, competitividade e agressividade (Heargreaves, 1994; Light e Kirk, 2000; Ap. Neves, 2005). São inúmeras as características do Rugby que acentuam a sua masculinidade em detrimento da imagem feminina. Os aspectos mais evidentes na modalidade são: efectuar-se numa grande amplitude de terreno, praticar-se ao ar livre, implicar a oposição de duas equipas, implicar «placar» e ser «placado» através de inevitáveis contactos corpo a corpo violentos (Devisse e Louveau, 1998).

A criação da subcultura masculina desenvolvida através da prática de Rugby era efectivada pelas inúmeras canções que visavam tão só marginalizar, ridicularizar e subverter as mulheres. A estas eram destinados diversos papéis (cozinheiras, *cheerleaders*...) sempre em posições subordinadas em relação à dominação masculina vigente (Dunning, 1986 Ap. Wheatley, 1994).

As canções² “The Ten Wise Men of Montana” e “The Enginner’s Song” são exemplo da necessidade masculina em efectivar o seu domínio. Através destas pretendia-se transmitir a imagem do rugby como universo masculino, reforçando e perpetuando a hegemonia masculina na subcultura do rugby. Os homens faziam questão de mencionar a anatomia sexual feminina que tomavam como objecto, usado e abusado, demonstrando a sua supremacia.

De acordo com Lenskij (1998), a capacidade de ambos os sexos, na prática de variados desportos, verifica-se pelas características biológicas. As características dos homens (resistência, força, velocidade) são consideradas favoráveis, logo, as das mulheres (elegância, flexibilidade, equilíbrio) assumem menor destaque (Ap. Neves, 2005).

Assim, ao longo do tempo, diversos desportos, como é o caso do Rugby, foram atribuídos à ordem masculina, fazendo com que as mulheres não os sintam atractivos, e os percepcionem como desadequados à sua natureza (Devisse e Louveau, 1998).

De acordo com Dunning (1992), os desportos de uma forma geral são todos competitivos, possibilitando a emergência de violência. Em determinados desportos como o futebol, o hóquei, o boxe ou o rugby, a violência assume legitimidade na forma de uma batalha lúdica. Os desportos, caracterizados pela violência mais ou menos controlada na forma de um confronto ritualizado, constituem-se como espaços socialmente privilegiados e aceitáveis no estado civilizacional actual das sociedades. Segundo Elias (1992), o Desporto Moderno canalizou as apetências sociais para a confrontação física, introduzindo uma confrontação mimética com controlo da violência física.

Contudo, o Rugby representa a evidente supremacia masculina, na medida em que se revela extremamente físico e também possui o estereótipo tradicional de identidade masculina interiorizada profundamente. As ideias estereotipadas acerca da mulher têm condicionado a sua participação, uma vez que o conteúdo ideológico permanece fortemente enraizado na cultura da sociedade (Neves, 2005).

² Ver Anexo A.

Apesar de existirem alterações significativas nos papéis da mulher na sociedade actual, continua ainda a ser encarado com alguma relutância a participação feminina em diversas actividades desportivas.

Pierre Bourdieu (1987) considerou o desporto como produto cultural, social e económico. No sentido desta abordagem, as classes detentoras de elevados níveis de capital, procuram modalidades de difícil acesso, na medida em que estas lhes atribuem maior capacidade distintiva. Por sua vez, as outras camadas sociais pretendem compensar a sua estrutura de capital, através de actividades desportivas que lhes possibilitem algum reconhecimento. A relação corporal em cada modalidade reflecte-se nos níveis de capital, sendo que o contacto físico e o confronto no desporto surgem mais dissimulados nos indivíduos com níveis elevados de capital. As práticas desportivas mais distintivas eram as que primavam pela maior distância entre os adversários e as que apresentavam menos latente a violência no desporto. (Ap. Marivoet, 1998).

Segundo Bourdieu as preferências variam em função da estrutura e do volume de capital, gerando oposições entre classes sociais. As condições socioeconómicas de cada indivíduo, conjugadas em classes, valorizam a força ou a delicadeza, a proximidade ou a distância. Desta forma, os confrontos violentos pertenciam essencialmente às classes populares e os desportos de rede ou arma, como o ténis e a esgrima, eram preferidos pelas classes mais favorecidas (Freitas, 2000).

O nível de participação varia, também, conforme a classe social de quem pratica desporto. John A. Coleman (1989) abordou esta problemática, afirmando que indivíduos pertencentes a classes menos favorecidas, ao pretenderem praticar desportos como o golfe, a vela ou esqui, não têm acesso nem recursos financeiros que lhes permitam comprar o equipamento necessário. Coleman, também referiu, que quanto maior for o nível educacional possuído pelas classes sociais, maior será nível de participação em actividades desportivas (Freitas, 2000). Em Portugal, os estudos da participação desportiva têm revelado que proporcionalmente, são os indivíduos dos grupos sociais com maiores recursos que mais praticam desporto, ou detêm mais hábitos desportivos (Marivoet, 2002b).

De acordo com a interpretação de Bourdieu, o Rugby configura um quadro social diminuído de volume de capital, na medida em que a proximidade e a força são aspectos predominantes na prática da modalidade. Neste sentido, a estrutura demográfica do Rugby seria constituída por indivíduos de classes menos favorecidas. A este propósito, será importante referir, que em França o Rugby é de facto um desporto popular.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

3.1 O Rugby em Portugal³

O primeiro jogo de Rugby em Portugal realizou-se a 21 de Dezembro de 1907 entre duas equipas constituídas por atletas de origem Britânica. Contudo, só mais tarde, em 1919, Cândido de Oliveira implementou o «jogo da azeitona» na Casa Pia de Lisboa.

Em Abril de 1922, realizou-se o primeiro jogo entre uma equipa portuguesa – Royal Football Club – e os ingleses do cabo submarino de Carcavelos.

Resultado de maior interesse dos indivíduos pela modalidade, o Benfica, o Carcavelinhos, o Ginásio Clube Português e o Sporting fundaram a Associação de Rugby de Lisboa em 1926, que realizaria no ano seguinte o primeiro Campeonato de Lisboa. Em 1934/35 realizou-se o primeiro campeonato escolar e em 1938/39 os primeiros Jogos Universitários.

O ano de 1956 e 1957 foram importantes para o Rugby em Portugal, na medida em que surgiu o primeiro clube fora da zona de Lisboa – Associação Académica de Coimbra – foi constituída a Federação Portuguesa de Rugby.

Na época de 58/59 realizou-se o primeiro Campeonato Nacional com nove clubes federados na FPR, nos quais quatro tinham origem universitária e a Associação Académica de Coimbra era o único que não pertencia à zona de Lisboa.

Entre 1963/64 e 1970 o Rugby assiste a uma evolução considerável no seu desenvolvimento, cada vez mais precoce, com o surgimento de competições nos escalões mais novos. Em 1969, com a transmissão de alguns jogos do Torneio das 5 Nações, o Rugby começou a estar mais presente no quotidiano dos portugueses.

Em 1974, a FPR e a Direcção Geral dos Desportos promoveram um plano de desenvolvimento do rugby juvenil, que passou pela criação das Associações Regionais nos locais mais desenvolvidos. Nasceram os Comités Regionais de Coimbra, Setúbal, Elvas, Porto, Lisboa e no Algarve.

Apesar do Rugby, ainda, manifestar maior evidência na zona de Lisboa, nos dias de hoje, pratica-se Rugby do Minho ao Algarve, bem como em locais distantes dos grandes centros urbanos.

O estatuto de alta competição atribuído ao Rugby e a sua inclusão nos programas de educação física foram factores relevantes para o desenvolvimento do Rugby em Portugal.

Desta forma, o crescimento do número de atletas a praticar a modalidade, contribuiu para a melhoria qualitativa do Rugby Nacional. A mundialização e a mediatização da modalidade veio contribuir para o seu desenvolvimento e permitir a profissionalização dos praticantes. Assim, o Rugby Português começou a ser dotado de infra-estruturas adequadas à sua prática e deixou de estar dependente das instalações universitárias.

³ Baseado em obra por editar de Francisco Mesquita, Licenciado pelo Instituto Superior de Ciências Educativas na variante Educação Física. Treinador ao nível federado, sendo técnico da Federação Portuguesa de Rugby.

Actualmente, em Portugal, o Rugby divide-se em diversos escalões com diversas competições. No topo da competição está a Divisão de Honra constituída por 8 equipas que competem entre si. Abaixo está a 1ª Divisão também com 8 equipas que competem entre si e a II Divisão com 20 equipas que competem regionalmente. Nos escalões inferiores estão os sub20 com 12 equipas, os sub18 e sub16 com 10 equipas principais (grupo A) e 25 equipas (grupo B). O Campeonato Nacional Feminino é constituído por duas divisões com 6 equipas cada uma. As Associações Regionais ainda organizam competições esporádicas, designadas por convívios, nos escalões de formação sub14, sub12, sub10 e sub8. Nos escalões Séniores, além do campeonato, ainda se disputam as Taças de Portugal e Ibérica e o Torneio Nacional de Sevens. Nos escalões sub20, as Taças acima referidas também são disputadas.

Esta evolução positiva no Rugby Português é manifesta e comprova-se através do regresso da Selecção Sénior às prestigiadas competições internacionais, bem como pelos resultados obtidos nas mesmas.

4. PROBLEMÁTICA EM ESTUDO E HIPÓTESES DE TRABALHO

A Sociologia, enquanto ciência social, através do seu objecto estudo, a acção social, pretende compreender as maneiras pensar, agir e sentir presentes na sociedade, bem como os indivíduos que contribuem para a construção dessas mesmas estruturas sociais. A Sociologia debruça-se sobre o fenómeno desportivo como um espaço social, construído pelos indivíduos que nele participam. O desporto configura-se num sistema, em que os indivíduos assumem diferentes níveis de poder e participação, com distintos valores e níveis de organização (Marivoet, 1998).

O fenómeno desportivo constitui uma prática, ainda, discriminada pelas Ciências Sociais, sendo a Sociologia do Desporto uma das áreas menos desenvolvidas da Sociologia (Dunning, 1992). No entanto, a perspectiva social da actividade desportiva é preponderante, uma vez, que esta é constituída por homens e mulheres com características diferenciadas. Através desta perspectiva, enriquece-se e reforça-se o conhecimento científico, permitindo um conhecimento mais abrangente de contextos desportivos.

Como Marivoet referiu acerca da diferença entre as ciências sociais e as da vida ou da Natureza: “As ciências sociais partem de um pressuposto complementar, embora oposto, ou seja, os indivíduos são seres sociais, e como tal não têm existência própria desinseridos do espaço social, onde se movem, logo estes estão sujeitos a um conjunto de influências, que condicionam e estruturam a sua acção.” (1998:14). É com base neste pressuposto que se pretende alargar o conhecimento acerca da prática do Rugby.

Apesar deste quadro, poder indiciar de forma geral as representações do Rugby em todo território nacional, o mesmo também poderá apresentar divergências substanciais em relação aos diversos locais em que se pratica Rugby em Portugal. Desta forma, deve-se, categoricamente assumir, que a investigação apenas pretende ilustrar as representações do Rugby na zona da Grande Lisboa.

A escolha deste tema prende-se com facto do Rugby, através das suas especificidades, revelar-se uma actividade desportiva pouco conhecida tanto pelo senso comum como pela comunidade científica.

Neste sentido, formulou-se a seguinte pergunta de partida: *Em que medida o Rugby conjuga um quadro social identitário?*

Como pressuposto, considerámos como objecto de estudo, saber em que medida o campo de práticas do rugby é marcadamente masculino e constituído por indivíduos inseridos em grupos sociais com maiores recursos e características específicas, apresentando-se como um espaço de reprodução da cultura tradicional masculina e de afirmação e distinção social. O campo caracteriza-se ainda pela reprodução dos valores tradicionais do desporto que o concebem como um espaço educativo e formativo.

Para a análise do objecto de estudo acima mencionado, procedeu-se à elaboração das hipóteses sistematizadas do Quadro 4.1.

Quadro 4.1 Hipóteses de Trabalho

Hipóteses	Variáveis	Indicador
H1: Os praticantes de Rugby são indivíduos inseridos em grupos sociais com maiores recursos, em particular com elevado nível de formação académica. Predominantemente situam-se num espaço ideológico de centro-direita, são católicos e de nacionalidade Portuguesa.	Grupo Social Ideologia Partidária Crenças Origem	- Rendimento - Categoria Profissional - Identidade política - Religião - Nacionalidade
H2: O Rugby é praticado essencialmente por indivíduos do sexo masculino, portadores de cultura tradicional masculina, encontrando-se mecanismos de resistência à prática feminina na modalidade.	Estereótipos de género Prática por género	- Percepções por género: representações da masculinidade - Nível de participação por sexo
H3: Os atletas consideram o Rugby um desporto com prestígio e praticam-no como forma de distinção social das famílias.	Representações dos actores acerca da importância das razões que os levaram a praticar a modalidade. Representações dos actores sobre o prestígio da modalidade. Influência desportiva.	- Nível de importância das razões de prática - Nível de concordância com o prestígio da modalidade - Envolvimento com a modalidade Familiares / Amigos
H4: Os atletas atribuem um grau de importância elevado aos valores tradicionais do desporto veiculados pelo Rugby, considerando-o como um espaço educativo e de formação da identidade pessoal dos atletas.	Representação dos actores sobre o rugby como espaço de formação de carácter. Representação dos actores sobre a importância do Rugby na aquisição de valores identitários do seu carácter pessoal	- Nível de concordância com carácter formativo/educativo da modalidade - Nível de influência do rugby nos valores dos atletas - Prática de outros desportos - Interrupção da prática da modalidade

A verificação destas hipóteses constitui um passo fundamental para a aproximação sociológica a uma realidade desportiva que não tem privilegiado a abordagem da ciência.

Através da primeira hipótese, pretende-se corroborar a pertença dos indivíduos praticantes de Rugby a um grupo social de maiores recursos. Com a segunda hipótese deseja-se validar a presença generalizada dos homens na modalidade. A terceira hipótese centra-se no Rugby como forma de veiculação do prestígio social. Importa analisar as razões que conduzem à prática da modalidade de forma a averiguar se são efectivamente privilegiadas as que se prendem a temática do prestígio. Por último a quarta hipótese pretende abordar os valores tradicionais do desporto veiculados pelo Rugby.

A área da Grande Lisboa é a região do País em que o Rugby apresenta maior notoriedade, maior quantidade de clubes, e por sua vez, mais atletas que as outras regiões nacionais. Neste sentido, revela-se a região preferida para a realização do estudo, não descurando a importância e o contributo que as restantes regiões poderiam trazer para a presente investigação.

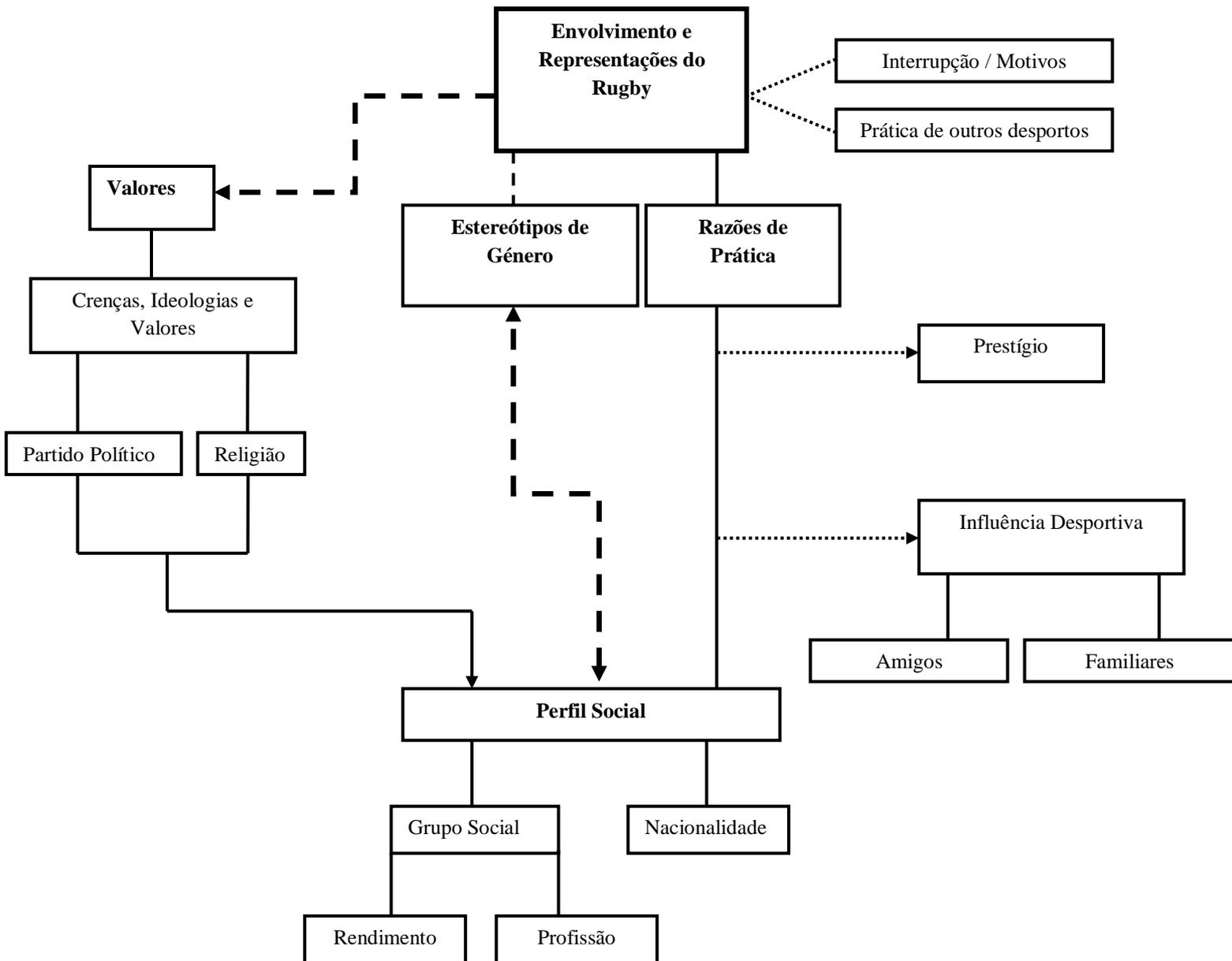
Para a realização do estudo foram equacionadas diversas propostas metodológicas, contudo, considerou-se que o método extensivo seria – e para esta primeira abordagem sistemática deste objecto de estudo – o método mais adequado. Nesse sentido privilegiou-se o inquérito por questionário⁴ para proceder à recolha dos dados.

Quanto à metodologia adoptada para a aplicação do questionário importa salientar que numa primeira fase foi utilizada uma plataforma electrónica, contudo e dada a adesão pouco satisfatória, foi necessário em dado momento do percurso alterar a estratégia. No entanto, todas as respostas adquiridas por esse meio foram agrupadas ao trabalho. O tratamento dos dados foi realizado através do software PASW SPSS (Statistical Package for the Social Sciences).

O modelo de análise (Figura 4.1) ilustra o quadro de investigação que se pretende incidir de forma a clarificar o Rugby aos olhos da sociologia.

⁴ Ver anexo H

Figura 4.1 Modelo de Análise



5. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

O universo de trabalho é constituído por seis Clubes – Sport Lisboa e Benfica, CDUL, CR Técnico, AEIS Agronomia e Belas Rugby Clube – pertencentes à Associação de Rugby Sul, constituídos, por aproximadamente, 600 atletas inseridos em diversos escalões (S18; S21; Seniores e Feminino), conforme se sistematiza no Quadro 5.1. Com a escolha destes clubes, pretendeu-se preservar na amostra a heterogeneidade reconhecida na população em estudo. Nas colunas a sombreado do Quadro 5.1 pode ver-se quer a distribuição por Clubes, quer por sexo. Para determinação da dimensão da amostra foi considerado um nível de confiança de 95% e um erro amostral de aproximadamente 7% pelo que seriam inquiridos 143 atletas.

Quadro 5.1 Demografia Federada 2009/2010

Clubes	S18	S21	Seniores	Masculinos	Femininos	Total		
SPORT LISBOA BENFICA	17	15	32	64	11,8	29	39,2	93
CDUL Centro Desportivo Universitário Lisboa	53	45	43	141	25,9	0	0,0	141
AAAIS Agronomia	0	0	0	0	0,0	19	25,7	19
AEIS AGRONOMIA	40	40	40	120	22,1	0	0,0	120
AEIS TECNICO	0	42	47	89	16,4	0	0,0	89
CR TECNICO	61	0	0	61	11,2	25	33,8	86
BELAS RUGBY CLUBE	34	15	20	69	12,7	1	1,4	70
Total	205	157	182	544	88,0	74	12,0	618

Fonte: Federação Portuguesa de Rugby

Quadro 5.2 Demografia Federada 2009/2010 (Amostra)

Clubes	S18	S21	Seniores	Masculinos	Femininos	Total		
SPORT LISBOA BENFICA	5	0	14	19	18,1	18	47,4	37
CDUL Centro Desportivo Universitário Lisboa	0	20	8	28	26,7	0	0,0	28
AAAIS Agronomia	0	0	0	0	0,0	8	21,1	8
AEIS AGRONOMIA	2	16	2	20	19,0	0	0,0	20
AEIS TECNICO	0	8	6	14	13,3	0	0,0	14
CR TECNICO	18	0	0	18	17,1	12	31,6	30
BELAS RUGBY CLUBE	2	1	3	6	5,7	0	0,0	6
Total	27	45	33	105	73,4	38	26,6	143

A aplicação dos questionários teve de lidar com algumas vicissitudes contextuais, e que se prenderam designadamente, com a disponibilidade dos treinadores. Em consequência o peso de alguns estratos na amostra (Quadro 5.2) apresenta alguns desvios face ao universo ainda que tendencialmente pequenos. Importa referir que apesar de ter sido usada a variável Clube para a estratificação da amostra, a mesma não iria ser usada para segmentar a amostra por clubes na análise dos resultados.

No que se refere à variável sexo e pela importância que ela assume neste trabalho, foram inquiridas mais 15% de atletas do sexo feminino devido ao baixo peso deste estrato no universo. Todavia na análise dos dados foi repostado o seu peso real.

É um grupo muito jovem. Apesar de as idades variarem entre os 14 e os 40 anos, 50% tem até 20 anos, com uma média de 21,5 anos.

A juventude do grupo explica que 93,0% sejam solteiros e que a maioria ainda esteja a estudar (67,1%); somente um quarto exerce profissão (26,6%). São ainda caracterizados por terem habilitações elevadas: 50,3% dos indivíduos possuem o secundário completo (10º, 11º e 12º ano) e 30,1% têm o ensino superior.

6. ANÁLISE DE RESULTADOS

6.1 Perfil dos Atletas⁵

Colocámos como pressuposto de investigação na primeira hipótese, a alegada pertença dos atletas de rugby a grupos sociais com maiores recursos, com elevado nível de formação académicas. Considerámos ainda que, predominantemente se situariam num espaço ideológico de centro-direita, seriam católicos e de nacionalidade Portuguesa. Com base nos resultados do inquérito aplicado podemos confirmar o sentido da hipótese.

Assim, os praticantes de Rugby que constituem o grupo em análise, e que são maioritariamente do sexo masculino, como acontece no universo dos praticantes do rugby, estão inseridos em grupos sociais de maiores recursos como considerámos inicialmente.

A pertença a categorias profissionais de topo, quer por via do próprio, quer por via dos pais (atenda-se a que 67,1% dos mais jovens são ainda estudantes) e a escalões com rendimentos mais elevados permite justamente aferir sobre essa configuração social. Ao nível das categorias profissionais e dos que disseram já exercer profissão 34,6% são Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas e 10,7% são Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa. Relativamente aos pais dos atletas estudantes, 26,0% são os Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa e 35,4% são Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio.

Em relação ao rendimento mensal líquido do agregado familiar, podemos constatar que 71,0% dos agregados familiares dos atletas em análise auferem mais de 2.000,00€; destaque-se que destes 19,6% declararam rendimento superior a 4.000,00€. A distinguir este grupo de atletas estão também as suas habilitações. Destacam-se as habilitações de nível secundário com 50,3% e as de nível superior com 30,1%.

No que diz respeito ao espaço ideológico dos atletas, podemos constatar que a maioria (62,5%) se posiciona num espaço de centro-direita numa escala de 0 (Esquerda) a 10 (Direita).

⁵ Ver Anexo B.

Em relação à religião, verificamos que a maioria dos atletas são católicos (73,1%) e cerca de um quarto (26,1%) dos atletas assumiram não possuir qualquer religião. A nacionalidade também não distingue estes atletas em análise, identificando-se 97,2% como portugueses.

Este perfil tipo configura um quadro demográfico de características sociais privilegiadas e conservadoras, que vem confirmar a nossa hipótese. Esta estrutura deve-se, provavelmente, a questões históricas, geográficas e sociológicas de implementação do Rugby em Portugal. Sabemos, no entanto, que a modalidade desenvolveu-se em locais urbanos, contextos académicos fechados, onde o acesso seria restrito.

6.2 Representações de Género no Rugby

Na segunda hipótese considerámos que o rugby é praticado, essencialmente, por indivíduos do sexo masculino, detentores da cultura tradicional masculina, colocando resistências à prática feminina da modalidade.

As questões de género apresentam uma importância evidente no plano social da prática de rugby, no entanto, revelam-se uma problemática bastante complexa. No sentido de aferir como se configuram as representações de género quando o enfoque é justamente o rugby foi solicitado aos indivíduos em estudo que expusessem o seu nível de concordância – numa escala de 1: concordo totalmente a 6: discordo totalmente – relativamente a afirmações referentes a esta problemática.

Perante a seguinte afirmação: **"Uma mulher pode ser tão boa jogadora de Rugby como um homem"**, deparamos com perfis de respostas significativamente distintos segundo o sexo ($p < 0,001$), com os homens a discordar que a performance das mulheres possa ser tão boa quanto a dos homens. Refira-se que somente 21,0% deles concorda (8,6% concorda muito e 12,4% concorda totalmente). Inversamente, as atletas do sexo feminino rejeitam maioritariamente a sua inadequação à prática do rugby, verificando-se que 73,7% concorda com esta afirmação: 31,6% delas concorda muito e 42,1% concorda totalmente.

No que respeita à afirmação: **"Há muito menos mulheres a praticar Rugby, porque têm medo do contacto corpo a corpo"** encontra-se uma convergência nos perfis de resposta ($p > 0,05$). A maioria dos homens (75,3%) concorda com a afirmação (26,7% concorda pouco, 27,6% concorda muito e 21% concorda totalmente). A opinião das mulheres é idêntica à dos homens. A maioria das atletas em análise (79%) concorda genericamente com a afirmação (39,5% concordam pouco; 31,6% concordam muito e 7,9% concordam totalmente).

Quando questionados explicitamente sobre a discriminação das mulheres: **"No Rugby como na maioria dos desportos as mulheres são discriminadas"**, os atletas voltam a apresentar níveis de concordância com diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,001$). A maioria das mulheres (89,5%) apresenta uma opinião concordante em relação à afirmação, com destaque para 42,1% que concorda muito e 13,2% que concorda totalmente. Quanto à assumpção da discriminação, os homens estão mais divididos: cerca de metade deles concordam com a afirmação, enquanto os restantes 50%

se distribuem pelos vários níveis da discordância. Nesta afirmação os atletas do sexo masculino demonstram uma opinião pouco convergente.

No que respeita à capacidade para praticar Rugby e quando confrontados com a afirmação: **"Os homens têm melhor capacidade física e psíquica para praticar Rugby"**, voltam a detectar-se diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos ($p < 0,001$). Sem surpresas a maioria dos atletas do sexo masculino concordou com a afirmação (81,9%), estando mesmo 44,8% a concordar totalmente. Por sua vez as atletas têm representações distintas quanto este aspecto, apresentando uma distribuição de respostas tendencialmente uniforme pelos diversos níveis de concordância.

As questões de discriminação de género são históricas nas sociedades. O Rugby implica contactos violentos entre os atletas, regendo-se sob um discurso masculinizado. Neste sentido, os atletas, tanto do género masculino como feminino, consideram que os homens têm condições físicas e psicológicas superiores às mulheres na prática da modalidade, mas é o único aspecto dos apresentados em que existe convergência nas representações. Ao mesmo tempo que reconhecem a discriminação que são vítimas e tentam não se resignar a ela, as mulheres estão sob a forte dominação instituída pelos homens. A fragilidade é-lhes inculcada desde muito cedo, tornando a modalidade imprópria para *meninas*. Neste sentido, os resultados comprovam o pressuposto que tínhamos traçado inicialmente acerca da discriminação de género na modalidade.

6.3 Rugby: desporto de prestígio? As representações dos atletas

Por referência à hipótese que justamente afirma que o rugby é considerado um desporto com prestígio e que o mesmo é praticado como forma de distinção social das famílias procurou-se perceber como os praticantes em estudo se posicionavam face a esta questão.

Perante a afirmação de que a prática do rugby confere prestígio aos atletas e através de uma escala de concordância de seis pontos (de 1: concordo totalmente a 6: discordo totalmente), pode concluir-se de forma inequívoca que esta modalidade desportiva está efectivamente associada ao prestígio; 90,2% dos inquiridos concordam com a afirmação. Em média quer os atletas do sexo feminino, quer os atletas do sexo masculino *concordam muito* com a afirmação. Os perfis de respostas são pois estatisticamente idênticos ($p > 0,05$)⁶. Se nas questões da discriminação de género os atletas se afastam, existe convergência acerca do prestígio que a prática de rugby lhes confere.

Reconhecido o prestígio que a prática da modalidade incute nos atletas, era também importante identificar as principais razões que poderiam influenciar a prática desta modalidade. Essas razões são itens pontuados numa escala de quatro pontos, sendo que os valores mais altos reflectem níveis de menor importância: 1 – muito importante a 4 – nada importante.

A análise dos níveis médios de importância deixa evidente que o *"gosto pela modalidade"* e a *"saúde física"* são as razões que apresentam maior importância para os atletas na escolha da

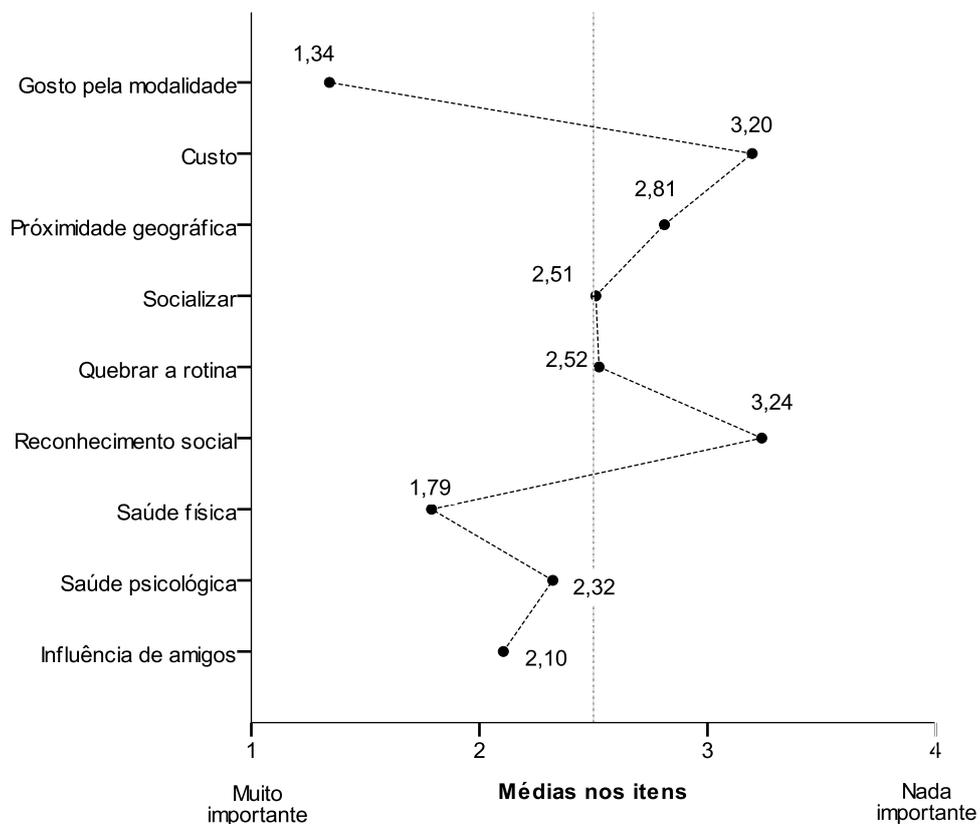
⁶ Ver Anexo D.

modalidade (Figura 6.3.1). Em contraponto, o “*reconhecimento social*” e o “*custo*” são as razões a que os atletas atribuem menor importância. Provavelmente, o reconhecimento social proveniente da prática da modalidade não é uma razão muito valorizada nas suas representações, ou não constitui uma razão assumida, pois como atrás foi analisado, os praticantes de rugby emergem de contextos sociais com mais status.

Da análise das correlações entre os itens-razões e através da aplicação de uma análise factorial exploratória, com o método das componentes principais, (e que revelou uma adequabilidade média: $KMO=0,690$) foram extraídos quatro factores que explicam uma parte bastante considerável da variância (69,362% da variância total).

No Quadro 6.3.1 pode observar-se a contribuição dos itens-razões nos quatro factores, estando assinalados os pesos factoriais que mais se destacam. O Factor 1 está mais fortemente estruturado pelas razões que remetem para as condições *sócio-económicas*; no Factor 2 sobressaem as razões associadas ao *bem-estar*, no Factor 3 basicamente destaca-se a razão: gosto pela modalidade, o que apontaria para a *admiração* tida face à modalidade; e no Factor 4 destaca-se a *influência dos amigos* na escolha da prática do rugby.

Figura 6.3.1 Importância das razões na escolha do Rugby



Quadro 6.3.1 Diferentes tipos de Razões

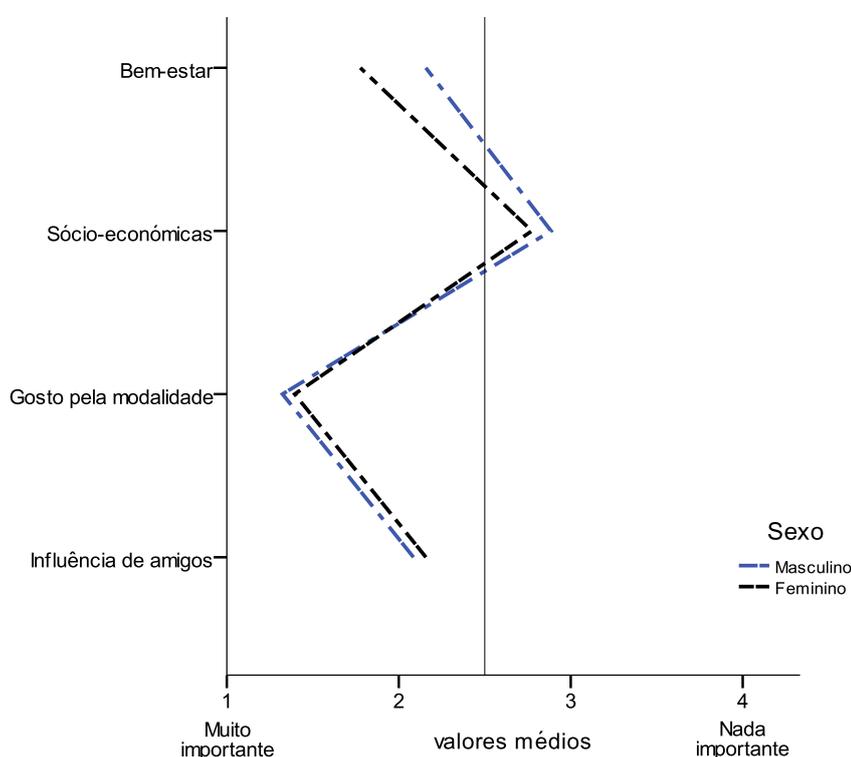
(Análise de componentes principais com rotação varimax)

Itens	Factor 1 Socio-económico	Factor 2 Bem-estar	Factor 3 Admiração	Factor 4 Influência
Proximidade geográfica	0,756	0,141	-0,013	0,059
Socializar	0,755	0,130	0,289	-0,105
Custo	0,704	-0,064	-0,127	0,124
Quebrar a rotina	0,696	0,112	0,135	-0,189
Reconhecimento social	0,535	0,259	-0,449	0,257
Saúde física	0,079	0,898	0,082	-0,062
Saúde psicológica	0,130	0,857	0,016	0,142
Gosto pela modalidade	0,135	0,129	0,856	0,160
Influência de amigos	-0,029	0,058	0,107	0,928
<i>Variância Explicada</i>	30,90%	15,93%	11,51%	11,02%

Destes resultados derivou a construção de quatro dimensões analíticas, após comprovada a consistência interna da dimensão *sócio-económica* (alfa de Cronbach de 0,744) e da dimensão *bem-estar* (alfa de Cronbach de 0,745).

No que diz respeito ao nível médio de importância das razões na escolha do rugby tendo em conta o sexo, observa-se através da Figura 6.3.2 que os níveis médios de importância são maiores no que respeita ao *gosto pela modalidade* e menores nas razões *sócio-económicas*. Em termos comparativos, verifica-se que só existem diferenças significativas ($p=0,004$) na dimensão *bem-estar*, sendo que em média, as atletas femininas atribuem maior importância que os atletas masculinos.

Figura 6.3.2 Importância das razões para a prática de Rugby segundo o sexo



Em relação à influência da idade no nível de importância das razões verifica-se só existem diferenças estatisticamente significativas no factor *influência de amigos* ($p=0,006$), sendo justamente os mais jovens que atribuem em média maior importância à influência desse factor (Figura 6.3.3).

Figura 6.3.3 Importância das razões para a prática de Rugby segundo a idade

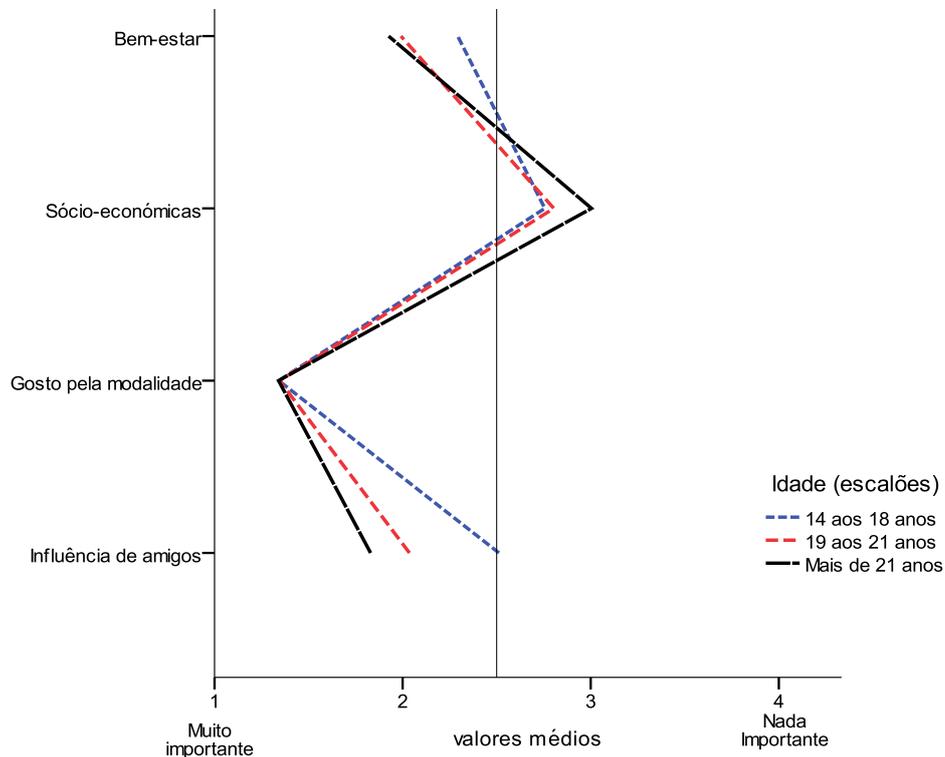
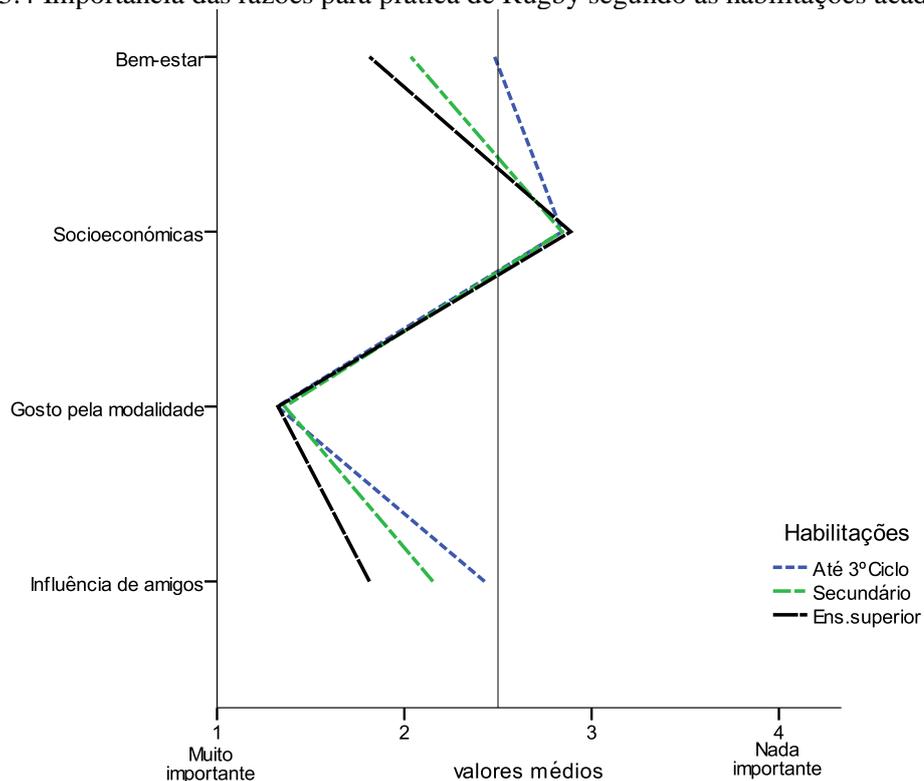


Figura 6.3.4 Importância das razões para prática de Rugby segundo as habilitações académicas



As habilitações apresentam efeito estatisticamente significativo nos factores *influência dos amigos* ($p=0,040$) e no *bem-estar* ($p=0,003$). Verificou-se também, que o efeito é similar entre os dois factores, quanto mais elevadas são as habilitações maior reconhecimento é atribuído quer ao papel dos amigos, quer ao bem-estar decorrente da prática do rugby (Figura 6.3.4).

Assim, a principal conclusão aponta no sentido dos praticantes de rugby, independentemente do sexo, idade e habilitações académicas, atribuírem em média níveis elevados de importância ao *gosto pela modalidade* e níveis de importância mais baixos às razões *sócio-económicas* (Quadro 6.3.2). A *influência dos amigos* e o *bem-estar* são dimensões consideradas *importantes* pelos atletas (com níveis médio em redor do nível 2), no entanto, são os factores que tendem a apresentar maior heterogeneidade nas respostas como se pode observar a partir dos desvios-padrão mais elevados (Quadro 6.3.2).

Ainda em relação à dimensão *gosto pela modalidade* verificou-se que a sua preponderância está acima de qualquer influência de familiares ou amigos. Independentemente dos atletas terem ou não familiares e/ou amigos envolvidos no rugby ($p>0,05$) é sempre a dimensão em média mais valorizada.

Quadro 6.3.2 Caracterização dos factores responsáveis pela escolha do rugby

Factores	Média	Desvio-padrão
Socio-económicas	2,86	0,610
Bem-estar	2,06	0,829
Influência de amigos	2,10	1,026
Gosto pela modalidade	1,34	0,629

Apesar de considerarem que o Rugby lhe confere reconhecimento, é a paixão pela modalidade que assume grande destaque no seio dos atletas. A atribuição de menor importância às razões sócio-económicas era expectável, visto os atletas pertencerem a classes sociais favorecidas. Deste modo, podemos concluir que a hipótese não pode ser validada na totalidade. Confirma-se que o rugby é uma modalidade com prestígio, contudo não podemos considerar que os atletas a praticam como forma de distinção.

6.4 Influência do Rugby na identidade e nos valores dos atletas

Na quarta hipótese considerámos que os atletas atribuem elevada importância aos valores veiculados pela modalidade, considerando-o como um espaço formativo na sua identidade.

Era importante conhecer a representação que os atletas tinham sobre o contributo do rugby na formação da sua identidade. Numa escala de concordância de seis pontos (de 1: concordo totalmente a

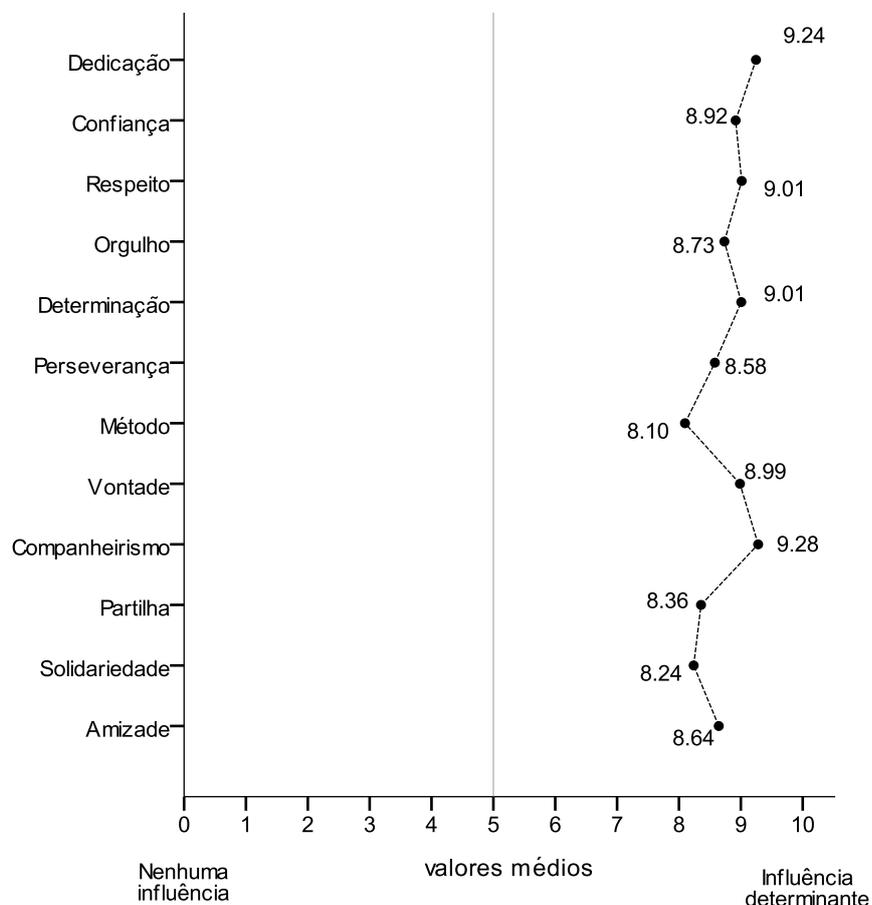
6: discordo totalmente) verificou-se que todas as respostas oscilaram entre as categorias de *concordo* e de *concordo totalmente*, concentrando esta 49,7%. Tal como se afirmou numa das hipóteses de trabalho em discussão o rugby afigura-se importante para a formação da identidade dos atletas que o praticam.

Os resultados evidenciam ainda que os atletas do sexo feminino e os atletas do sexo masculino têm opiniões convergentes sobre o impacto do rugby na formação da identidade dos atletas ($p>0,05$)⁷. Aparte muitos factores de diferenciação de género, no que se refere à importância da modalidade na formação de identidade dos mesmos parece haver consenso.

Com o objectivo de avaliar os níveis de influência do Rugby, como espaço educativo, nos valores sociais que estruturam o carácter pessoal dos atletas, efectuámos uma análise tendo em conta um conjunto de valores, aos quais os indivíduos responderam usando uma escala que variava de 0: nenhuma influência a 10: influência determinante, e que podem ser visualizados na Figura 6.4.1.

A principal conclusão é a de que todos os valores apresentam níveis médios de influência muito acima do ponto central da escala (5). A prática do rugby tende assim a ser reconhecida como uma influência determinante e quase generalizada nos valores sociais em análise.

Figura 6.4.1. Influência do Rugby nos valores dos atletas



⁷ Ver Anexo F.

Através de uma Análise de Componentes Principais (ACP), com uma adequabilidade média (KMO=0,880), foram extraídas com rotação *varimax* três componentes principais que explicam 68,179% da variância total.

Foi assim possível estruturar o espaço dos valores sociais em análise segundo três dimensões (Quadro 6.4.1). A primeira dimensão é essencialmente pelos valores que remetem para o *estímulo e conservadorismo*, como pode observar-se no Quadro 6.4.1. A segunda dimensão aponta para o *carácter benévolo* dos atletas, e a terceira é sobretudo definida pelos valores relacionados com a *auto-realização* dos atletas.

Quadro 6.4.1 Valores sociais: dimensões analíticas
(Análise de componentes principais com rotação *varimax*)

Valores	Estímulo e Conservadorismo	Benevolência	Auto-Realização
Respeito	0,839	0,283	0,187
Confiança	0,747	0,164	0,273
Orgulho	0,737	0,230	0,282
Dedicação	0,696	0,067	0,361
Vontade	0,687	0,495	0,099
Companheirismo	0,364	0,773	-0,056
Partilha	0,093	0,737	0,471
Solidariedade	0,017	0,658	0,574
Amizade	0,325	0,597	0,210
Perseverança	0,284	0,270	0,738
Método	0,349	0,083	0,665
Determinação	0,492	0,176	0,604
<i>Variância Explicada</i>	28,77%	20,41%	19,00%

Após comprovada a fiabilidade dos três conjuntos de valores (alpha=0,878 para *estímulo e conservadorismo*, alpha=0,797 para *benevolência*: e alpha=0,754 para *auto-realização*), observaram-se os níveis médios de influência que cada uma dessas dimensões obteve. A dimensão *estímulo e conservadorismo* apresenta o nível médio de influência mais elevado (M=8,98), em segundo lugar a dimensão *benevolência* (M=8,63), logo seguida da dimensão da *auto-realização* (M=8,56).

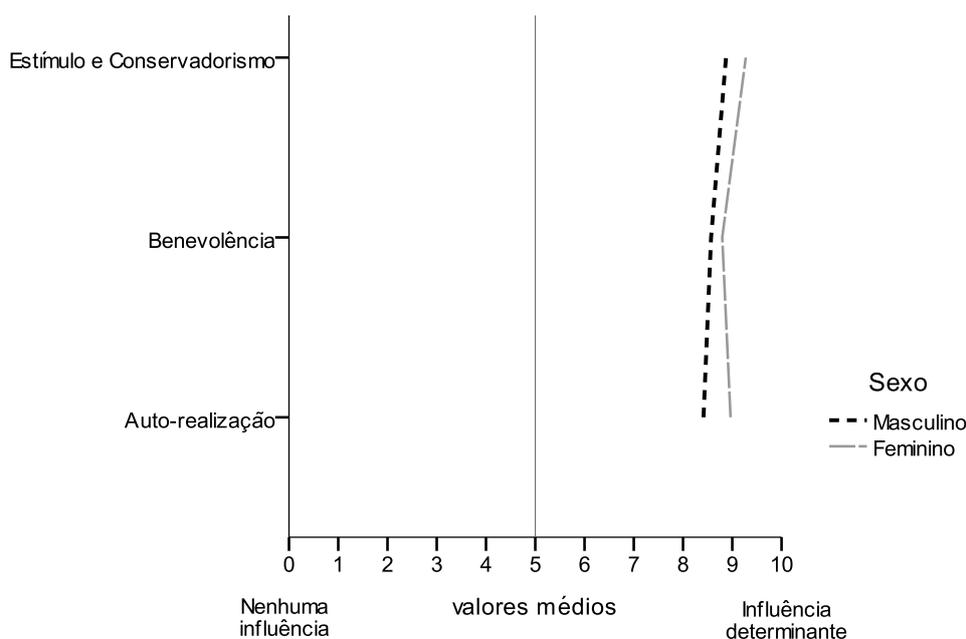
Os resultados vão pois no sentido de uma influência mais determinante do rugby nos valores tradicionais – tal como sustentado pela hipótese de trabalho –, tendo sido encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o nível médio de influência na dimensão *estímulo e conservadorismo* e o nível médio de cada uma das duas outras dimensões ($p < 0,001$). Fica assim em destaque a influência do rugby na formação dos valores mais de índole tradicionalista.

Poder-se-ia pensar que a elevada influência do rugby nestas dimensões era sobretudo patente nos atletas exclusivamente praticantes desta modalidade desportiva. Todavia os dados mostraram que mesmo os 23,1% de atletas que disseram praticar em paralelo outros desportos (BTT, hipismo, volei, futebol, ténis, natação vela, surf, bodyboard) preservam iguais níveis médios de elevada influência do rugby nas três dimensões, não existindo diferenças significativas ($p>0,05$) entre os dois grupos de atletas.

A veemência destes atletas no que se refere ao impacto do rugby parece de tal forma presente nas suas representações sobre a modalidade, que mesmo a interrupção da prática do rugby (e que aconteceu em 46,2% dos atletas) não apresenta implicações nos níveis médios de influência em nenhuma das três dimensões que se apresentam pois estatisticamente iguais ($p>0,05$) e, como tal, igualmente elevados.

No que diz respeito ao nível médio da influência do Rugby tendo em conta o sexo, deparamos com valores médios elevados nas três dimensões (Figura 6.4.2) pelo que, quer os atletas do sexo feminino, quer os atletas do sexo masculino tendem a considerar um papel determinante do rugby no conjunto de valores em análise. Em termos comparativos, o sexo masculino atribui, em média, uma influência menor à modalidade, sendo que existem diferenças significativas nas dimensões *estímulo e conservadorismo* ($p=0,041$) e *auto-realização* ($p=0,006$).

Figura 6.4.2 Influência do Rugby nos valores segundo o sexo



Pudemos ainda concluir, que os atletas, independentemente da sua idade, consideram que o Rugby tem muita influência nos valores que constituem o seu carácter pessoal, os valores médios oscilam entre 8 e 9 (Figura 6.4.3), não existindo diferenças significativas ($p>0,05$).

Também as habilitações não se afiguram diferenciadoras da influência do Rugby nos valores dos atletas ($p>0,05$) como é visível pela sobreposição das linhas na Figura 6.4.4.

Figura 6.4.3 Influência do Rugby nos valores segundo a idade

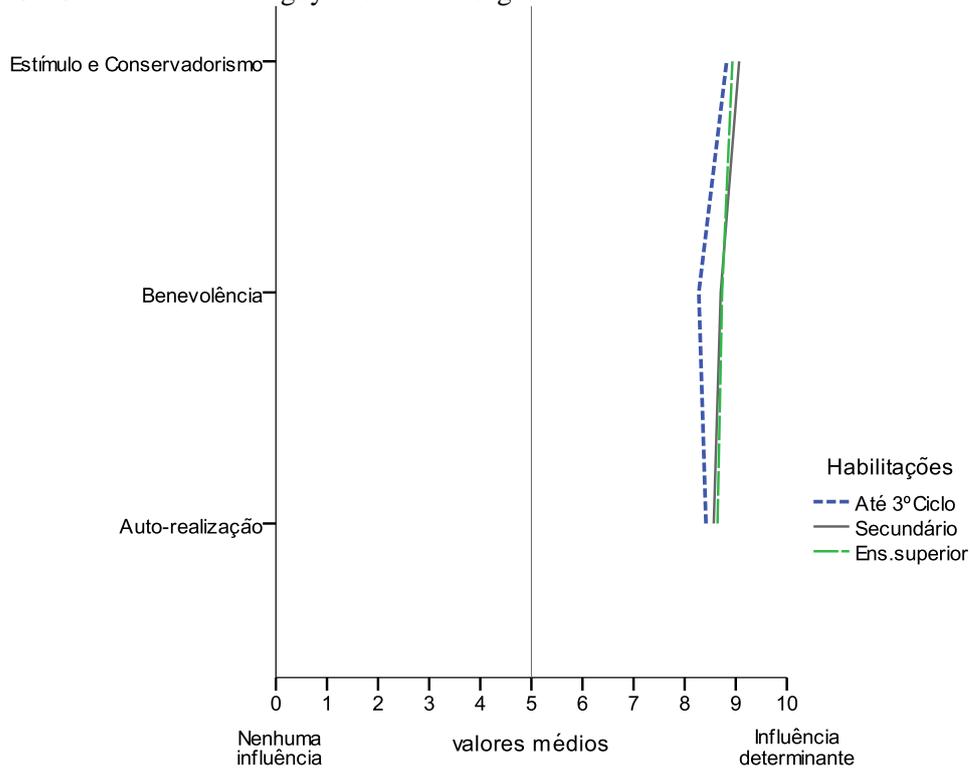
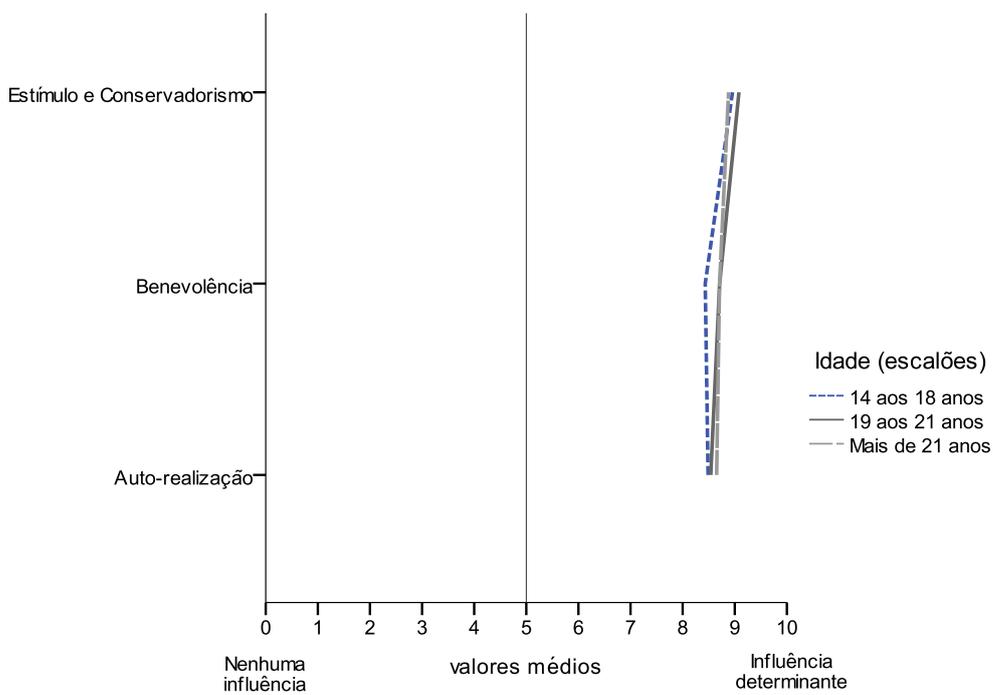


Figura 6.4.4 Influência do Rugby nos valores segundo as habilitações académicas



A principal conclusão aponta no sentido dos praticantes de rugby atribuírem uma influência determinante à modalidade, característica indiferenciada por idade e por habilitações. Apenas as atletas do sexo feminino se distanciam significativamente dos praticantes de sexo oposto nas dimensões *estímulo e conservadorismo* e *auto-realização*. Os atletas consideram a prática de rugby como um importante espaço de formação, com influência determinante em valores essenciais para a sua identidade, comprovando-se assim a hipótese em análise.

Porém, as influências de formação de carácter estão relacionadas com o espaço social em que a modalidade se desenrola. Na realidade, não podemos separar nenhuma modalidade do contexto social e dos valores socioculturais que lhe pertencem. Neste sentido, os elevados níveis de influência atribuídos à modalidade nos valores dos atletas serão inerentes também ao contexto social. Contudo, os atletas não terão esta percepção, atribuindo um nível de influência determinante à modalidade nos valores que constituem o seu carácter pessoal.

7. CONCLUSÃO

Da análise dos resultados foi possível constatar que os indivíduos praticantes de Rugby pertencem a grupos sociais de maiores recursos, com elevados níveis de status social, pertencem a grupos católicos de centro-direita, com habilitações académicas elevadas e por sua vez categorias profissionais de topo. Este perfil desenhado corrobora o sentido da hipótese elaborada para o estudo. Com este perfil, o Rugby contraria a aceção de Pierre Bourdieu respeitante à relação corporal das modalidades e os níveis de capital dos indivíduos. A proximidade e a violência que emerge no Rugby não deviam reflectir o quadro demográfico que a investigação representa. Porém, questões históricas e geográficas de implementação da modalidade em Portugal poderão explicar a condição social dos atletas que a praticam.

No que diz respeito às questões de género, os atletas assumem simultaneamente posições curiosas e expectáveis. Está subjacente nas percepções dos atletas, sejam homens ou mulheres, a inerente condição privilegiada dos homens no Rugby. Assim, a máquina simbólica masculinizada perpetuou a superioridade dos homens para a prática da modalidade, marginalizando as mulheres. As diferenças físicas e psicológicas podem permitir desempenhos diferenciados entre homens e mulheres, no entanto, são as construções produzidas e reproduzidas na sociedade que estruturam os papéis e identidades em ambos os sexos. As resistências impostas e reproduzidas pelo estigma masculino reflectem o reduzido envolvimento feminino com o Rugby.

As desigualdades de género são uma questão histórica na sociedade, e apesar do trabalho efectuado, ainda estão presentes em muitos contextos sociais.

No que respeita à hipótese que assume o Rugby como um desporto de prestígio e que o mesmo é praticado como forma de distinção social das famílias, podemos constatar que os atletas se afastam em parte da hipótese, considerando o gosto pela modalidade a razão principal de prática do rugby. A pertença dos atletas a grupos sociais de maiores recursos pode justificar a atribuição da

menor importância às razões sócio-económicas. E apesar de considerarem prestigioso praticar a modalidade, os atletas não a praticam como forma de distinção, mas porque cultivam uma enorme paixão pelo rugby. A influência de familiares e amigos não desenvolve qualquer alteração de posição dos atletas, uma vez que o gosto pela modalidade assume inequivocamente os níveis de importância mais elevados.

Em relação ao enfoque da hipótese referente aos valores veiculados pelo rugby e o seu papel formativo na identidade dos atletas, podemos assumir que os dados apontam nesse sentido. Os atletas apresentam uma opinião convergente no papel formativo que a modalidade desempenha na sua identidade. A modalidade apresenta níveis elevados de influência nos valores dos atletas, sendo que a dimensão de índole mais tradicionalista assume destaque. Nesta questão, deve-se salientar que a prática de outros desportos, bem como, a interrupção da modalidade não têm implicações ao nível da influência nas três dimensões (Estímulo e Conservadorismo; Benevolência e Auto-realização).

A intensidade desenvolvida no contexto do Rugby poderá assumir um papel determinante na transmissão de valores aos seus atletas. Os treinos e os jogos sempre foram construídos sob um discurso de competitividade e agressividade, privilegiando o potencial físico. No Rugby a batalha mimética é vivida intensamente, visto que a modalidade apresenta uma estrutura muito singular. Este confronto mimético presente em treinos e jogos, além do relaxamento, contribui também para que a modalidade assuma um carácter formativo bastante vincado nos seus atletas. Porém, não podemos separar a modalidade dos valores sócio-culturais pertencentes ao meio em que o Rugby é desenvolvido. Só assim se consegue explicar a influência determinante que o Rugby representa para os atletas nos valores que constituem o seu carácter pessoal.

O contexto social assume uma importância notória no quadro das representações sociais do rugby na grande Lisboa. Esta noção acentua-se à medida que analisamos os quatro elementos chave explorados na investigação. Os atletas que praticam a modalidade não têm existência própria desinseridos do seu contexto social, do qual recebem influências que condicionam e estruturam a sua acção. De uma forma geral, podemos assumir que a análise aos atletas dos clubes de rugby presentes no trabalho reflecte o quotidiano social em que estão inseridos. A modalidade configura uma identidade singular, transmitida naturalmente, pelo contexto social em que nasceu.

Bibliografia

- Amado, Lúcio (1991), “Desporto e Sociedade”, *Revista Horizonte*, 45, pp.83-87.
- Beauvoir, Simone de (1967), *O Segundo Sexo – A experiência vivida*, São Paulo, Difusão Europeia do Livro.
- Birrel, Susan (2002), “Feminist Theories for Sport”, *Handbook of Sport Studies*, London: Sage Publications, pp.61–72.
- Bourdieu, Pierre (1987), *Choses Dites*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- Bourdieu, Pierre (1997), *Razões Práticas sobre a Teoria da Acção*, Oeiras, Celta Editora.
- Bourdieu, Pierre (1994), *O Poder Simbólico*, Oeiras: Celta Editora.
- Bourdieu, Pierre (1999), *A Dominação Masculina*, Oeiras: Celta Editora
- Bouet, Michel (1968), *Signification du sport*, Paris, Éditions Universitaires.
- Bouet, Michel (1969), *Motivations des sportifs*, Paris : Éditions Universitaires.
- Bryson, Lois (1994), “Sport and the Maintenance of Masculine Hegemony”, *Women, sport, and Culture*, EUA: Human Kinetics, pp. 47-64.
- Costa, Bruno (2009), *A Influência da Condição Social na Satisfação do Envolvimento Desportivo – Estudo de caso no Concelho de Cantanhede*, Tese de Mestrado, UC.
- Dunning, Eric (1992), “O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações”, *A busca da excitação*, Lisboa: Difel, pp.339-412.
- Elias, Norbert (1992), “A génese do desporto: um problema sociológico”, *A busca da excitação*, Lisboa: Difel, pp.187-221.
- Esteves, José (1999), *O Desporto e as Estruturas Sociais*, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Felipe, Sónia (2007), *Razões da participação desportiva em health clubs – O Caso do Health Club PapaStress na Vila da Batalha*, Monografia de Licenciatura, UC.
- Fernandes, João (2007), *Ética do desporto: Análise dos discursos no debate de ideias – Estudo de Caso de Duas Colectâneas*, Monografia de Licenciatura, UC.
- Ferrando, Manuel (1990), *Aspectos sociales del deporte – Una reflexión sociológica*, Alianza Editorial
- Freitas, Clara (2000), *O significado social do desporto nas classes sociais: uma análise do fenómeno*, Tese de Doutoramento, UP.
- Giddens, Anthony (2004), *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- Gonçalves, Carlos (2007), “A Educação Moral na Formação do Atleta” in *Revista Horizonte*, vol. XXI (123), pp.29 – 35.

- Hilvoorde, Van Ivo (2005), “Desporto e Educação – Entre o realismo e idealismo”, *A Educação pelo Desporto – Perspectivas Europeias*, Instituto do Desporto de Portugal.
- Instituto Nacional do Desporto (2002), *Federações Desportivas – Indicadores Desportivos e Financeiros 1997 – 2000*, Lisboa, Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- Kuhlmann, Detlef (2005), “O que tem o desporto a ver com a educação?”, *A Educação pelo Desporto – Perspectivas Europeias*, Instituto do Desporto de Portugal.
- Legros, Luc (2005), “O desporto deve ser escola?”, *A Educação pelo Desporto – Perspectivas Europeias*, Instituto do Desporto de Portugal.
- Lima, Teotónio (2004), “Educar pelo Desporto?”, *Revista Horizonte* vol. XIX, (11), pp.35-38.
- Louveau, Catherine e Davisse, Annick (1998), *Sportifs, école, Société: La différence des sexes*, Paris: L`Harmattan.
- Louveau, Catherine (2001), “Desporto, Mulheres, Média: O Corpo Desejável das Desportistas”, *Ex aequo*, 4, pp.57–74.
- Loy, John e Douglas, Booth (2002), “Functionalism, Sport and Society”, *Handbook of Sport Studies*, London: Sage Publications, pp.8–24.
- Lüschen, Günther e Sage, George (ed. lit.) (1981), *Handbook of Social Science of Sport*, Illinois: Stipes Publishing Company.
- Magalhães, Vasco (1980), “Abordagem Filosófica do Rugby”, *Rugby Revista*, Ano 1 (1).
- Maguire, Joseph et. al. (2002), *Sport worlds: a sociological perspective*, EUA: Human Kinetics.
- Marivoet, Salomé (1994), “Hábitos desportivos: valores sócio-culturais em mudança”, *Actas do Congresso Mundial do Lazer*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp.207–218.
- Marivoet, Salomé (1996), “Desporto do Ideal à Realidade”, *Revista Horizonte*, 71, pp.193–196.
- Marivoet, Salomé (1997), “Investimentos Sociais em Carreiras Desportivas”, *Revista Horizonte*, vol. XIII (76), pp.26–31.
- Marivoet, Salomé (1997), “Dinâmicas Sociais nos envolvimento desportivos” in *Sociologia – Problemas e Práticas*, 23, pp.101-113.
- Marivoet, Salomé (1998), *Aspectos Sociológicos do Desporto*, Lisboa: Livros Horizonte.
- Marivoet, Salomé (2002a), “Assimetrias e Afinidades de Género no Desporto”, em *Actas do Colóquio Internacional Família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas*. APS: Lisboa (pp. 423-432) Disponível em: file:///E:/docs/DPR49f83c627ef5f_1.pdf
- Marivoet, Salomé, (2002b), “Práticas desportivas na sociedade Portuguesa” (1988 – 1998), in actas do IV Congresso Português de Sociologia, Lisboa: APS_CDROM
- Marivoet, Salomé (2006), “Perfis Profissionais no Mercado do Desporto: Competências e Tendência”, *Revista Horizonte*, vol. XXI (126), pp.3 – 6.

- Martins, Francisco (2007), *Objectivos da procura desportiva - o caso dos ginásios da UC e da AAC do EUC numa perspectiva comparada*, Monografia de Licenciatura, UC.
- McPherson, Barry (1981), “Socialization into and through sport involvement”, *Handbook of Social Science of Sport*, Illinois: Stipes Publishing Company.
- Neves, Vasco (2005), *A mulher no desporto do homem: rãguebi, o epicentro da hegemonia masculina no desporto*, Universidade do Porto, FCDEF.
- Pires, Gustavo (1994), “A aventura desportiva: o desporto para o III Milénio” *Actas do Congresso Mundial do Lazer*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp.193 – 206.
- Pires, Rui Pena e Batista, João (1989), “O desporto nas sociedades modernas”, *Sociologia*, 6, pp.11 – 21.
- Rosa, Vítor (2008), “Motivações e entendimentos dos praticantes de desportos de combate dual: um olhar exploratório” – I Congresso Científico Europeu de Judo: Aprendizagem e Rendimento, Lisboa.
- Wheatley, Elizabeth (1994), “Subcultural Subversions: Comparing Discourses on Sexuality in Men`s and Women`s Rugby Songs”, *Women, sport, and culture*, EUA: Human Kinetics, pp.193-210.
- Theberge, Nancy (2002), “Gender and Sport”, *Handbook of Sport Studies*, London: Sage Publications, pp.322–331.
- Theberge, Nancy (1994), “Toward a Feminist Alternative to Sport as a Male Preserve”, *Women, sport, and culture*, EUA: Human Kinetics, pp.181–191.
- Thomas, Raymond (1996), *Sociologie du sport*, Paris: Presses Universitaires de France.
- Valério, Ana (2002), *A Prática Desportiva e o Desenvolvimento Pessoal e Social*, Tese de Mestrado, UBI.

Anexos

I. Anexo A. Cânticos

“The Ten Wise Men of Montana”

There were ten wise men with knowledge quite fine –
To built a great cunt was their design.
From all of Montana they searched and they sought
To find a the materials to build a great twat.

The first was an axe-man, whose swing was quite swift;
With double bit – axe, he made a great slit.
The second was a miner – with drill and with bore,
He bore and he bore and he a great pore.

The third was a trapper quite short and quite stout;
With marten and beaver her lined it without.
The fourth was a tailor, quite tall and quite thin;
With finest red velvet he lined it within

The fifth was a plumber who whistled with bliss;
With faucet and washer he made it to piss.
The sixth was a gourmet who worked with great haste;
He threw in a chicken to give it a taste.

The seventh was a fisherman who knew his job well;
With herring and kipper he made it to smell.
The eighth was a drummer with one extra skin;
He stretched it and tacked it and made a hymen.

The ninth was a doctor whose hands were quite small;
With ten pounds of vaseline he greased up the wall.
The tenth was a rabbi – that damned little runt –
He blessed it, he fucked it, he called it a CUNT!
(Thomson, pp. 130 - 131)

“The Enginner`s Song”

An enginner told me before he died,
And I don`t know if the bugger lied,
That he had a wife with a cunt so wide
That she could be never satisfied

And so he built a prick of steel
Driven by a bloody great wheel,
Two brass balls all filled with cream,
And the whole bloody issue was driven by steam.

Round and round went the bloody great wheel
 And in and out went the prick of steel
 Until at last the maiden cried,
 “Enough, enough, I’m satisfied!”

But this was a tale of the bitter bit:
 There was no way of stopping it.
 She was rent from cunt to tit
 And the whole bloody issue was covered in shit.

(Thomson, 1977, pp.131-132)

II. Anexo B. Caracterização da Amostra/Perfil dos atletas

		N	%
Sexo	Masculino	105	
	Feminino	38	
	Total	143	100,0
Estado civil	Solteiro	133	
	Casado/União de Facto	10	
	Total	143	100,0
Habilitações	Até 3ºCiclo	28	
	Secundário	72	
	Ens.superior	43	
	Total	143	100,0

Nacionalidade		
	N	%
Portuguesa	139	97,2
Espanhola	1	,7
Santomense	1	,7
Suiça	1	,7
Angolana	1	,7
Total	143	100,0

Idade (escalões)

	N	%
14 aos 18 anos	41	28,7
19 aos 21 anos	55	38,5
Mais de 21 anos	47	32,9
Total	143	100,0

Situação na Profissão

	N	%
Desempregado	1	,7
Estudante	96	67,1
Trabalhador por conta própria	6	4,2
Trabalhador por contra de outrem	38	26,6
NS/NR	2	1,4
Total	143	100,0

Religião

	N	%
Católica	104	72,7
Budismo	1	,7
Sem religião	37	25,9
NS/NR	1	,7
Total	143	100,0

Orientação Política

	N	%
Esquerda	2	1,4
1	1	,7
3	5	3,5
4	9	6,3
5	25	17,5
6	7	4,9
7	15	10,5
8	26	18,2
9	13	9,1
Direita	9	6,3
Recusa	11	7,7
NS	20	14,0
Total	143	100,0

Categoria Profissional

	N	%
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa	28	19,6
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	52	36,4
Técnicos e Profissionais de Nível Intermediário	19	13,3
Pessoal Administrativo e Similares	4	2,8
Pessoal dos Serviços e Vendedores	8	5,6
Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas	3	2,1
Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	1	,7
Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem	1	,7
NS/NR	26	18,2
Total	142	99,3
Missing	99	1
Total	143	100,0

Rendimento mensal líquido do agregado familiar

	N	%
Menos de 500€	3	2,1
De 501 a 1000€	11	7,7
De 1001 a 1500€	14	9,8
De 1501 a 2000€	12	8,4
De 2001 a 2500€	23	16,1
De 2501 a 3000€	17	11,9
De 3001 a 3500€	17	11,9
De 3501 a 4000€	14	9,8
Mais de 4000€	27	18,9
NS / NR	5	3,5
Total	143	100,0

III. Anexo C. Questões de género

		Sexo	
		Masculino	Feminino
"Uma mulher pode ser tão boa jogadora de Rugby como um homem"	Concordo Totalmente	12,4	42,1
	Concordo Muito	8,6	31,6
	Concordo Pouco	32,4	18,4
	Discordo Pouco	10,5	,0
	Discordo Muito	17,1	2,6
	Discordo Totalmente	19,0	5,3
	Total	100,0	100,0

		Sexo	
		Masculino	Feminino
" Há muito menos mulheres a praticar Rugby, porque têm medo do contacto corpo a corpo"	Concordo Totalmente	21,0	7,9
	Concordo Muito	27,6	31,6
	Concordo Pouco	26,7	39,5
	Discordo Pouco	12,4	5,3
	Discordo Muito	8,6	15,8
	Discordo Totalmente	3,8	,0
	Total	100,0	100,0

		Sexo	
		Masculino	Feminino
"No Rugby como na maioria dos desportos as mulheres são discriminadas"	Concordo Totalmente	3,8	13,2
	Concordo Muito	20,0	42,1
	Concordo Pouco	23,8	34,2
	Discordo Pouco	24,8	2,6
	Discordo Muito	21,0	7,9
	Discordo Totalmente	6,7	,0
	Total	100,0	100,0

		Sexo	
		Masculino	Feminino
"Os homens têm melhor capacidade física e psíquica para praticar Rugby"	Concordo Totalmente	44,8	18,4
	Concordo Muito	37,1	10,5
	Concordo Pouco	12,4	18,4
	Discordo Pouco	4,8	15,8
	Discordo Muito	1,0	21,1
	Discordo Totalmente	,0	15,8
	Total	100,0	100,0

IV. Anexo D. Rugby: desporto de prestígio

		Rugby confere prestígio aos atletas * Sexo			
		Sexo		Total	
		Masculino	Feminino		
Rugby confere prestígio aos atletas	Concordo Totalmente	Count	38	14	52
		% within Sexo	36,2%	36,8%	36,4%
		% of Total	26,6%	9,8%	36,4%
	Concordo Muito	Count	28	8	36
		% within Sexo	26,7%	21,1%	25,2%
		% of Total	19,6%	5,6%	25,2%
	Concordo	Count	27	14	41
		% within Sexo	25,7%	36,8%	28,7%
		% of Total	18,9%	9,8%	28,7%
	Discordo	Count	11	2	13
		% within Sexo	10,5%	5,3%	9,1%
		% of Total	7,7%	1,4%	9,1%
	Discordo Muito	Count	1	0	1
		% within Sexo	1,0%	,0%	,7%
		% of Total	,7%	,0%	,7%
	Total	Count	105	38	143
		% within Sexo	100,0%	100,0%	100,0%
		% of Total	73,4%	26,6%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,754 ^a	4	,600
Likelihood Ratio	3,061	4	,548
Linear-by-Linear Association	,021	1	,886
N of Valid Cases	143		

a. 3 cells (30,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,27.

V. Anexo E. Análise de Componentes Principais (Razões)

KMO and Bartlett's Test			Communalities	
			Initial	Extraction
Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.				
		,690	Influência de amigos	,876
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	254,641	Saúde psicológica	,772
	df	36	Saúde física	,823
	Sig.	,000	Reconhecimento social	,621
			Quebrar a rotina	,551
			Socializar	,681
			Proximidade geográfica	,595
			Custo	,532
			Gosto pela modalidade	,793

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Square	
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance
1	2,781	30,895	30,895	2,781	30,895	30,895	2,449	27,214
2	1,434	15,932	46,827	1,434	15,932	46,827	1,681	18,675
3	1,036	11,514	58,341	1,036	11,514	58,341	1,071	11,898
4	,992	11,021	69,362	,992	11,021	69,362	1,042	11,575
5	,870	9,670	79,032					
6	,650	7,223	86,255					
7	,478	5,308	91,563					
8	,414	4,600	96,163					
9	,345	3,837	100,000					

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Consistência das dimensões

1ª Dimensão – Condições Sócio-económicas

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	143	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	143	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,744	5

2ª Dimensão – Bem-estar

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	143	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	143	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,745	2

VI. Anexo F. Rugby contribui para a identidade dos atletas

O Rugby contribui para a formação de identidade dos seus atletas * Sexo

		Sexo			
		Masculino	Feminino	Total	
O Rugby contribui para a formação de identidade dos seus atletas	Concordo Totalmente	Count	52	19	71
		% within Sexo	49,5%	50,0%	49,7%
	Concordo Muito	Count	34	13	47
		% within Sexo	32,4%	34,2%	32,9%
	Concordo	Count	19	6	25
		% within Sexo	18,1%	15,8%	17,5%
Total	Count	105	38	143	
	% within Sexo	100,0%	100,0%	100,0%	

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	,115 ^a	2	,944
Likelihood Ratio	,116	2	,944
Linear-by-Linear Association	,038	1	,846
N of Valid Cases	143		

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 6,64.

VII. Anexo G. Análise de Componentes Principais (Valores)

KMO and Bartlett's Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,880
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	935,724
	df	66
	Sig.	,000

Communalities

	Initial	Extraction
Amizade	1,000	,506
Solidariedade	1,000	,763
Partilha	1,000	,774
Companheirismo	1,000	,732
Vontade	1,000	,727
Método	1,000	,572
Preserverança	1,000	,698
Determinação	1,000	,638
Orgulho	1,000	,676
Respeito	1,000	,818
Confiança	1,000	,659
Dedicação	1,000	,618

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	6,014	50,118	50,118	6,014	50,118	50,118	3,453	28,773	28,773
2	1,237	10,312	60,430	1,237	10,312	60,430	2,449	20,410	49,183
3	,930	7,750	68,179	,930	7,750	68,179	2,280	18,996	68,179
4	,862	7,184	75,364						
5	,630	5,251	80,614						
6	,570	4,749	85,364						
7	,393	3,272	88,636						
8	,355	2,959	91,595						
9	,343	2,862	94,458						
10	,253	2,105	96,563						
11	,228	1,904	98,467						
12	,184	1,533	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Consistência das dimensões (Alpha de Cronbach)

1ª Dimensão – Estímulo e Conservadorismo

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	143	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	143	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,878	5

2ª Dimensão – Benevolência

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	143	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	143	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,797	4

3ª Dimensão – Auto-realização

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	143	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	143	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,754	3

VIII. Anexo H. Inquérito por Questionário



Inquérito por Questionário

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO RUGBY

O presente inquérito destina-se exclusivamente à elaboração de uma investigação científica de cariz sociológico sobre as Representações Sociais do Rugby na Grande Lisboa, com vista à obtenção do grau de Mestre em Sociologia e Planeamento pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

Agradecemos a sua colaboração, garantindo toda a confidencialidade das informações prestadas, bem como a sua utilização apenas nesta produção científica.

Muito obrigado.

1. Escalão actual?

S18	1
S21	2
Seniores	3
Femininos	4

2. Clube actual

SPORT LISBOA BENFICA	1
CDUL Centro Desportivo Universitário Lisboa	2
CF OS BELENENSES	3
AEIS Técnico	4
CR Técnico	5
AAAIS Agronomia	6
AEIS Agronomia	7
Belas Rugby Clube	8

3. Na sua opinião, a prática de Rugby confere prestígio aos atletas?

Concordo Totalmente	1
Concordo Muito	2
Concordo	3
Discordo	4
Discordo Muito	5
Discordo Totalmente	6

4. Atribua o Grau de Importância às Razões que o levaram a praticar Rugby?

Razões	Muito Importante	Importante	Pouco Importante	Nada Importante
a) Influência da família	1	2	3	4
b) Influência de amigos	1	2	3	4
c) Saúde Psicológica	1	2	3	4
d) Saúde Física	1	2	3	4
e) Reconhecimento social	1	2	3	4
f) Quebrar a rotina	1	2	3	4
g) Socializar	1	2	3	4
h) Proximidade Geográfica	1	2	3	4
i) Custo	1	2	3	4
j) Gosto pela modalidade	1	2	3	4

5. Com que regularidade treina Rugby?

Diariamente	1
Uma vez por semana	2
Duas vezes por semana	3
Três ou mais vezes por semana	4

6. Alguma vez interrompeu a prática de Rugby?

Sim	1
Não	2

7. Pratica outros desportos além do Rugby?

Sim	1
Não	2

7.1 Se respondeu SIM, diga-nos que outro(s) desporto(s) pratica?

8. Houve ou há alguém da sua família envolvido com o Rugby?

Sim	1
Não	2

9. Houve ou há alguém do seu grupo de amigos envolvido com o Rugby?

Sim	1
Não	2

10. Na sua opinião a prática de Rugby contribui para a formação de identidade dos seus atletas?

Concordo Totalmente	1
Concordo Muito	2
Concordo	3
Discordo	4
Discordo Muito	5
Discordo Totalmente	6

11. Numa escala de 0 a 10, qual o grau de influência do Rugby, como espaço educativo, nos valores com que identifica o seu carácter pessoal? Para cada valor abaixo indicado, considere '00' a não existência de qualquer influência do Rugby, e '10' a existência de uma influência determinante do Rugby na aquisição desse valor

	Nenhuma Influência						Influência Determinante				
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Amizade	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Solidariedade	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Partilha	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Companheirismo	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Vontade	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Disciplina	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Perseverança	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Determinação	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Orgulho	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Respeito	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Confiança	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Dedicação	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

12. Indique o grau de concordância com as seguintes afirmações

	Concordo totalmente	Concordo muito	Concordo pouco	Discordo pouco	Discordo muito	Discordo totalmente
“Uma mulher pode ser tão boa jogadora de Rugby como um homem”	1	2	3	4	5	6
“Há muito menos mulheres a praticar Rugby, porque têm medo do contacto corpo a corpo”	1	2	3	4	5	6
“No Rugby, como na maioria dos desportos as mulheres são discriminadas”	1	2	3	4	5	6
“Os homens têm melhor capacidade física e psíquica para praticar Rugby”	1	2	3	4	5	6

13. Idade _____ anos

14. Nacionalidade _____

15. Sexo

Masculino	1
Feminino	2

16. Estado Civil

Solteiro	1
Casado	2
União de Facto	3
Separado	4
Divorciado	5
Viúvo	6

17. Religião

Católica	1
Ortodoxa	2
Protestante	3
Anglicana	4
Judaica	5
Muçulmana	6
Hinduísmo	7
Budismo	8
Sem religião	9
Outra	10

Qual? _____

18. Em política é costume falar-se de esquerda e direita. Como é que se posicionaria nesta escala, em que 0 representa a posição mais à esquerda e 10 a posição mais à direita? (Assinale com um circulo o valor no qual se posiciona politicamente)

Esquerda										Direita		(Recusa)	(NS)
00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	77	88	

19. Rendimento Mensal (liquido) do Agregado Familiar

Até 500 €	1
De 501 a 1000 €	2
De 1001 a 1500 €	3
De 1501 a 2000 €	4
De 2001 a 2500 €	5
De 2501 a 3000 €	6
De 3001 a 3500 €	7
De 3501 a 4000 €	8
Mais de 4000 €	9

20. Situação na Profissão

Desempregado	1	
Estudante	2	
Doméstica	3	
Trabalhador por conta própria	4	
Trabalhador por conta de outrem	5	
Outra	6	Qual ? _____

21. Profissão

(Caso não tenha uma actividade remunerada, descreva com detalhe a profissão da pessoa que mais contribui para o rendimento global do agregado)

22. Indique o nível máximo de habilitações académicas que obteve até ao momento

Sei ler e escrever, mas não frequentei a escola	1
1º Ciclo Completo (Escola Primária)	2
2º Ciclo Completo (5º e 6º ano)	3
3º Ciclo Completo (7º, 8º e 9º)	4
Secundário Completo (10º, 11º e 12º)	5
Bacharelato	6
Licenciatura	7
Mestrado	8
Doutoramento	9